

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

THIAGO ALCANTARA BALLESTERO DE PAIVA

**DE UM PROJETO SOCIAL PARA A GRADUAÇÃO EM MÚSICA: MOTIVAÇÕES E
PERSPECTIVAS DE EGRESSOS DE CURSOS SUPERIORES**

Bagé, RS

2022

THIAGO ALCANTARA BALLESTERO DE PAIVA

**DE UM PROJETO SOCIAL PARA A GRADUAÇÃO EM MÚSICA: MOTIVAÇÕES E
PERSPECTIVAS DE EGRESSOS DE CURSOS SUPERIORES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Música da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
Música

Orientadora: Adriana Bozzetto

Bagé, RS

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P149u Paiva, Thiago Alcantara Ballestero de
De um projeto social para a graduação em música: motivações
e perspectivas de egressos de cursos superiores / Thiago
Alcantara Ballestero de Paiva.
58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, MÚSICA, 2022.

"Orientação: Adriana Bozzetto".

1. Projetos sociais. 2. Egressos de projetos sociais. 3.
Formação musical. 4. Práticas musicais coletivas. 5.
Licenciatura em música. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

THIAGO ALCANTARA BALLESTERO DE PAIVA

**DE UM PROJETO SOCIAL PARA A GRADUAÇÃO EM MÚSICA:
MOTIVAÇÕES E PERSPECTIVAS DE EGRESSOS DE CURSOS SUPERIORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Música.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 13 de agosto de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Adriana Bozzetto
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres
(EMCO-UFRGS)

Profa. Dra. Lúcia Helena Pereira Teixeira
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ADRIANA BOZZETTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/08/2022, às 18:39, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA HELENA PEREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/08/2022, às 18:55, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Maria Cecilia de Araujo Rodrigues Torres, Usuário Externo**, em 16/08/2022, às 19:19, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0895436** e o código CRC **052B9C7A**.

Referência: Processo nº 23100.012204/2021-01 SEI nº 0895436

Dedico este trabalho primeiramente a Deus; minha família; amigos; colegas e professores que estiveram juntos nesta etapa. Em memória de Nathan Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que durante os momentos mais difíceis me confortava e não me deixou abalar quando tudo parecia perdido.

A meus pais Avelino e Luisa que me suportaram tanto em amor, carinho, suporte financeiro e me concederam essa oportunidade de seguir trilhando meu sonho.

Ao meu irmão André por sempre estar me ajudando a não perder o foco.

A Hare por sempre me apoiar e me incentivar a concluir esse sonho, sobretudo, um dos apoios que mais me fortaleceram durante o tempo que passamos distantes.

Aos demais familiares que fazem parte de um suporte emocional, psicológico e financeiro que é impagável.

À minha orientadora, Dra. Adriana Bozzetto, que mais que orientadora, se tornou quase uma mãe em relação à pesquisa para mim. De uma parceria desde os primeiros semestres até a finalização dessa tão sonhada conquista.

Aos professores do Curso pelos ensinamentos e trajetória marcada por boas risadas, grandes aulas e momentos marcantes em minha vida. Pela formação pedagógica e musical ao longo desses anos.

Aos meus colegas, Igor e Luan, por termos criado uma relação de ajuda, de crescimento e, principalmente, de amizade. Sem vocês, a graduação seria um tanto sem graça.

À Igreja Irmãos Menonitas e à família do pastor Vladimir que me acolheu durante toda a estadia que passei na cidade, além do suporte espiritual e emocional.

Por fim, a todos que contribuíram para que, de uma forma ou outra, chegasse à conclusão e obtenção desse sonho. A todos e todas o meu “muito obrigado”!

RESUMO

Esta pesquisa teve, como objetivo geral, conhecer e compreender motivações e perspectivas de estudantes egressos de projetos sociais que cursaram uma graduação em Música. Mais especificamente, conhecer e refletir sobre motivações de estudantes egressos que optaram pela Licenciatura em Música, bem como compreender perspectivas e objetivos em relação à formação musical no âmbito do ensino superior, ao revelarem impactos de projetos sociais para a escolha profissional. Como referencial teórico para a compreensão do tema em estudo, autores como Bozzetto (2012), Souza (2014) e Kleber (2014) contribuíram para discussões sobre projetos sociais enquanto espaços de socialização através da música. A pesquisa adotou a abordagem qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas com dois jovens egressos de graduações em Música que participaram de projetos sociais. Os resultados da pesquisa revelaram que os projetos sociais, dos quais os entrevistados fizeram parte, propiciaram aprendizagens a partir do contato intensivo com a música, mostrando-se como espaços que se tornaram decisivos nas escolhas profissionais dos estudantes. Contudo, revelaram que as motivações para ingresso em uma graduação em Música são diversas, dentre elas a possibilidade de uma profissionalização e aperfeiçoamento no campo da música, mais especificamente em cursos de Licenciatura. Esta pesquisa também contribuiu para a compreensão e ampliação de conhecimentos do que motiva, movimenta e impulsiona jovens egressos de projetos sociais para uma graduação em Música, de modo a potencializar os impactos que esses projetos têm na formação de tantas crianças e jovens, que veem na música a oportunidade de atuação e realização profissional.

Palavras-chave: Projetos sociais. Licenciatura em Música. Formação musical. Egressos de projetos sociais. Práticas musicais coletivas.

ABSTRACT

This research had, as a general objective, to know and understand the motivations and perspectives of students egresses from social projects who attended an undergraduate degree in Music. More specifically, knowing and reflecting on the motivations of egresses students who opted for the Licentiate Degree in Music, as well as understanding perspectives and objectives in relation to musical training in the context of higher education, as they reveal the impacts of social projects in their professional choice. As a theoretical framework for understanding the topic under study, authors such as Bozzetto (2012), Souza (2014) and Kleber (2014) contributed to discussions about social projects as spaces for socialization through music. The research adopted a qualitative approach, through semi-structured interviews with two young music egresses who participated in social projects. The research results revealed that the social projects, in which the interviewees took part, provided learning from intensive contact with music, presenting themselves as spaces that became decisive in the students' professional choices. However, they revealed that the motivations for entering a degree in Music are diverse, among them is the possibility of professionalization and improvement in the field of music, more specifically in Licentiate courses. This research also contributed to the understanding and expansion of knowledge about what motivates, moves and drives young egresses of social projects for a degree in Music, in order to enhance the impacts that these projects have on the education of so many children and young people, who see in music the opportunity for professional performance and fulfillment.

Keywords: Social projects. Degree in music. Musical training. Egresses from social projects. Collective musical practices.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMESP – Escola de Música do Estado de São Paulo

EMMSP – Escola Municipal de Música de São Paulo

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

FAAM – Faculdades de Artes Alcântara Machado

FIAM – Faculdades Integradas Alcântara Machado

FMU – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

IGPA – Instituto Grupo Pão de Açúcar

IMBA – Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé

Sisu – Sistema de Seleção Unificada

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
3 CAMINHOS DA PESQUISA	20
4 PROJETOS SOCIAIS E FORMAÇÃO MUSICAL DOS ENTREVISTADOS	24
4.1 Aspectos ligados à formação e atuação musical: da família para o projeto social.....	25
4.2 Sobre os projetos sociais que participaram: da ansiedade e espera ao primeiro contato	27
4.3 Por que, então, estudar música em um projeto social?	28
4.4 “Não há uma receita, um molde de projeto social, mas que o principal é essa capacidade de construir, de se reconstruir”	31
5 DO PROJETO SOCIAL PARA A GRADUAÇÃO EM MÚSICA: perspectivas e motivações.....	34
5.1 Motivações para a escolha da graduação em Música: “Quero estudar Música, quero me tornar professor de Música!”	34
5.2 Universidade, aí vamos nós!.....	36
5.3 Bacharelado ou licenciatura?	40
5.4 Primeiros passos na graduação: do “choro” à “maturidade”	41
6 ATUAÇÕES PROFISSIONAIS NA ÁREA DA MÚSICA: dificuldades, desafios e perspectivas	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE 1	52
APÊNDICE 2.....	53
APÊNDICE 3.....	55
APÊNDICE 4.....	56

1 INTRODUÇÃO

O início da minha formação musical começou através de aulas de contrabaixo elétrico com um professor, em um contexto religioso¹. As primeiras semanas de aula foram espetaculares, cheias de exercícios e aprendizagens, pois estava realizando o sonho de tocar contrabaixo. Infelizmente, após um mês de aula, meu professor teve que se mudar de cidade e não deixou nenhuma recomendação de um colega dele ou professor que pudesse dar continuidade às aulas. Passei por um período que durou por volta de um ano e meio sem professor, estudando o que via alguns amigos fazerem na guitarra, algumas dicas apanhadas em vídeos no YouTube e, principalmente, muito estudo de cifras, também procuradas e encontradas em sites na internet. Após esse período, voltei a ter aulas com um outro professor que me ajudou a entender um pouco mais sobre o instrumento, suas funções e sua linguagem musical.

Paralelamente à formação musical, existia a formação escolar em andamento. Através de um colega de classe, que me conhecia há muitos anos, descobri que havia em minha cidade, Osasco (SP), um projeto social voltado ao ensino de instrumentos musicais, o projeto Instituto Grupo Pão de Açúcar². Meu colega já estava inserido no referido projeto e me incentivou a participar pois sabia que eu tocava um instrumento de cordas. Outros colegas da escola também faziam parte desse projeto e as conversas e incentivos que eles me deram foi o que me motivou, definitivamente, a querer participar.

Ao iniciar minha participação no projeto social, tive que escolher entre os quatro instrumentos que eram ofertados, sendo eles o violino, viola, violoncelo e contrabaixo, optando, então, pelo violino. A proposta metodológica para o ensino dos instrumentos estava baseada no ensino coletivo de cordas, mais especificamente no método Jaffé, que se propõe a ensinar quarenta alunos que escolheram aprender um dos instrumentos oferecidos, na mesma sala de aula e coletivamente. O projeto localiza-se na região central da cidade de Osasco, em São Paulo, e oferece um curso de ensino do instrumento com duração de dois anos. Ao final desse período, participei

¹ Refiro-me à Igreja Evangélica Pedra Viva localizada na microrregião de Osasco, no Bairro Jardim Veloso, em São Paulo.

² Para mais informações sobre o projeto: <https://institutogpa.org.br/projeto/programa-de-musica-e-orquestra/>

da orquestra que o projeto organizava e mantinha com alunos oriundos do curso. Através do projeto Instituto Grupo Pão de Açúcar, tive a oportunidade de viajar em turnê e realizar práticas musicais com pessoas de outros lugares do Brasil e até mesmo do exterior. Lembro que muitos colegas tinham motivação de seguir como instrumentistas e até como músicos profissionais de orquestras. Tal projeto apoiava e incentivava os alunos a fazerem provas de conhecimentos específicos em música para o ingresso em universidades e, também, para alguns conservatórios. Muitos seguiram a formação musical cursando Bacharelado em Música e, outros, em cursos de Licenciatura em Música. Importante salientar que também houve, por parte de colegas, a escolha por diferentes caminhos profissionais.

Minha motivação para cursar uma graduação em Música iniciou através das reflexões e perspectivas que tive acerca das minhas práticas musicais coletivas, bem como através de conversas com meus professores de instrumento e graduandos de cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música. Ao término dos meus estudos na escola, percebi que o que mais me movimentava era a música, que muitos dos caminhos abertos e oportunidades surgiram a partir da minha participação e desenvolvimento no projeto social do Instituto Grupo Pão de Açúcar.

No decorrer da minha trajetória musical, passei por diversos espaços e tipos de aprendizagem, seja através de aulas individuais ou, também, através de metodologias de ensino coletivo de instrumento. Esses espaços se revelaram importantes para minha escolha de um curso de graduação e, conseqüentemente, da minha profissão, pois foi uma decisão que tomei motivado pelas minhas práticas e pelas minhas expectativas do que seria e como seria a graduação em Música.

Partindo dessa experiência de formação musical, de quem veio de uma aprendizagem musical realizada em um projeto social, tanto minha quanto de colegas, algumas questões de pesquisa foram delineadas: O que motiva esses estudantes a seguirem os estudos em uma graduação em Música? Por que a escolha especificamente por uma Licenciatura em Música? O projeto social do qual fizeram parte teve impacto na escolha de uma graduação em Música? Quais os objetivos que eles têm para seguirem com uma formação musical no âmbito do ensino superior?

Como objetivo geral, esse estudo buscou conhecer e compreender motivações e perspectivas de estudantes egressos de projetos sociais que cursaram uma

graduação em Música. Como objetivos específicos: a) conhecer e refletir sobre motivações de estudantes egressos que optaram pela graduação em Música; b) compreender perspectivas e objetivos dos estudantes egressos em relação à formação musical no âmbito do ensino superior; c) revelar impactos de projetos sociais na escolha profissional e acadêmica de seus participantes.

O intuito dessa pesquisa é contribuir para a compreensão e ampliação de conhecimentos do que motiva, movimenta e impulsiona um jovem egresso de projeto social para uma graduação em Música. É muito importante analisar o que leva o egresso de projeto social para a graduação, até para compreender os impactos que esses projetos têm obtido durante os anos.

Compreendo que as palavras “motivação e perspectiva” podem ressoar com diferentes significados, portanto, assumo nesta pesquisa os seguintes sentidos: *motivação* como um impulso que compreende fenômenos emocionais e sociais que fornecem direcionamentos, interesses e comportamentos para que se possa atingir determinado marco ou objetivo traçado previamente; *perspectiva* como expectativas, esperanças e metas para serem atingidas delimitando o foco e os passos a serem concluídos.

Partindo do período da minha graduação, um dos temas que foram abordados foi a educação musical em projetos sociais, as relações pedagógicas dentro desse espaço e até sobre os impactos que um projeto social teve sobre seus participantes no desenvolvimento como indivíduo social e cultural. Logo voltei às minhas vivências e o início da minha aprendizagem de instrumento musical.

Há uma significativa produção escrita sobre essa área, porém, mesmo após uma breve leitura e pequenas reflexões, me vieram perguntas acerca do que motivaria, o que incentivava, o que movimentava os participantes a quererem aprender música e se isso, de alguma forma, os fazia projetar uma graduação na área, em suas perspectivas para o futuro. Nesse viés, destacaria aqui alguns estudos referência para discutirmos os impactos de projetos sociais. Bozzetto (2012) estudou, em sua tese, os processos de formação musical de crianças e jovens, pertencentes aos meios populares, em uma orquestra. A partir de um intenso processo de socialização musical na referida orquestra, várias crianças e jovens começaram a projetar, para seu futuro, se tornar profissional em música. Dentre

alguns, a graduação também estava inserida como uma das metas a serem alcançadas. Arantes (2011), em sua dissertação, realizou um estudo com participantes do projeto social Orquestra Jovem de Uberlândia e constatou que muitos dos que haviam participado desse grupo já estavam inseridos com práticas musicais em locais diversos, como o contexto religioso, escolas de música e na própria universidade. Nessa perspectiva, autores como Souza et. al. (2014) também contribuíram para a análise e discussões do presente estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Partindo de um olhar onde não estamos “inventando a roda”, assim que limitei a abrangência de meu estudo, mergulhei em pesquisas que estivessem relacionadas a projetos sociais e suas motivações para a profissionalização em música. Nessa direção, busquei campos de estudo em que há uma produção pertinente ao objetivo e tema da minha pesquisa.

Ao iniciar minhas pesquisas, me deparei com uma produção acadêmica mais madura em relação aos estudos sobre projetos sociais. Freitas e Weiland (2014, p. 63-93) fazem um levantamento bibliográfico sobre o que já havia sido escrito sobre esse tema nos anais da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), nas publicações da *Revista da ABEM*, no Banco de Teses da CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior) e em livros específicos da área, encontrando 1132 artigos, mas que se enquadravam em sua pesquisa somente 86 estudos. A partir da análise desse levantamento conseguem afirmar que:

os trabalhos indicam que as atividades musicais envolvem basicamente crianças e adolescentes em seus contextos. [...] Como atividades musicais desenvolvidas nesses contextos, estes trabalhos referem-se principalmente a aulas de instrumentos musicais (predominando flauta doce, violão e violino) ou instrumentos do naipe de cordas. Além disso, indica-se também como prática musical em comunidade a constituição de grupos corais, atividade que envolve tanto pessoas do próprio local quanto profissionais de música vindos de fora (FREITAS; WEILAND, 2014, p. 68).

Um dos trabalhos realizados sobre música em projetos sociais é o trabalho de conclusão de curso de Souza (2015). O autor apresenta a música no contexto de um projeto social na cidade de Bagé e também um pouco de suas vivências dentro de um projeto social em Minas Gerais. O autor constatou que o projeto está ligado diretamente com as escolas de Bagé e que seu intuito é de apresentar “um espaço ‘diferente’ da escola, seja no tipo de conteúdo disponível ou na maneira com que os saberes são abordados” (SOUZA, 2015, p. 44). Também consegue perceber, através das entrevistas com professores do projeto, que “as artes, no contexto deste Projeto, são vistas como possibilidades de despertar nos alunos tais atribuições necessárias para um bom rendimento escolar” (SOUZA, 2015, p. 44).

Arantes (2011), em sua dissertação de Mestrado, aborda o projeto social Orquestra Jovem de Uberlândia e discute práticas musicais na constituição da condição juvenil a partir dos participantes do projeto. Dentro de sua pesquisa, faz uma análise sobre o projeto e aponta o seu desenvolvimento histórico e social para com os atores focalizados. A autora traz um diálogo com a formação do “sujeito social” a partir de práticas musicais e os locais de atuação que esses sujeitos estão envolvidos, sendo alguns como o Conservatório Estadual de Música, escolas particulares, festivais de música propostos pela cidade, contextos religiosos e a universidade em cursos de graduação e projetos de extensão. A autora também traz uma consideração acerca das práticas musicais e a importância que os participantes imprimem em cada ação ao afirmar que:

Para determinados jovens focalizados no estudo, a participação no ambiente do projeto, a convivência com os colegas e a oportunidade de se apresentar, percorrendo diferentes espaços sociais parecem ser motivos suficientes para garantir seu envolvimento com as práticas musicais. Para outros, tocar um instrumento ou integrar uma orquestra corresponde à realização de um ‘sonho’ – uma atividade à qual pretendem se dedicar por toda a vida, porém de forma concomitante a uma atividade profissional diversa. Há ainda aqueles que se entregam ao fazer musical tornando-o o centro de suas atenções, tanto no que concerne à vivência do tempo presente quanto a formulação de seus projetos futuros (ARANTES, 2011, p. 185).

Bozzetto (2012), como já citado anteriormente, estudou os processos de formação musical de crianças e jovens em uma orquestra, constituída como uma ação de inserção social. Teve por objetivo revelar expectativas e projetos educativos dos familiares sobre o ensino de música no referido projeto social. A autora revelou um panorama cultural, musical e o contexto das famílias que entrevistou e das rotinas que alteraram e reorganizaram para que os filhos/as continuassem a frequentar o projeto e ir bem na escola, um dos quesitos para seguirem no grupo. Bozzetto (2012) também abriu uma discussão sobre o outro lado dos projetos sociais, que envolve intensa socialização musical e o impacto que esses projetos de inserção social têm na vida dos que participam, além de problematizar sobre as perspectivas que esses/as discentes projetam para seu futuro. Alguns dos entrevistados ainda tinham dúvidas se seguiriam a música como profissão ou não, mas segundo a autora “há pais que farão ‘de tudo’ para que os filhos possam concretizar a profissão de músico, mesmo admitindo os limites, as dificuldades, a concorrência e o esforço que acompanha essa carreira profissional” (BOZZETTO, 2012, p. 256).

Nunes e Weichselbaum (2016), em anais de encontros da ABEM, apresentam as contribuições do ensino de música em projetos sociais. As autoras afirmam que as contribuições do ensino:

[...] destes projetos na vida dos jovens pode ser variada: alguns seguem carreira em música, outros não, outros ainda vislumbram possibilidades de profissionalização com música, e, muitos, contam com uma importante contribuição para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas, entre outras (NUNES e WEICHSELBAUM, 2016, p. 3-4).

As autoras ainda afirmam que muitos dos entrevistados tiveram uma nova perspectiva para os projetos futuros, ou seja, “o projeto ajudou-lhes a escolher sua carreira, mesmo fora da área musical” (NUNES e WEICHSELBAUM, 2016, p. 10). Esses estudos também possibilitaram a reflexão de que há uma relação entre os participantes do projeto e a música como um meio de comunicação e interação social. Souza (2014, p. 11-26) discorre sobre a música e os projetos sociais a partir de um viés sociológico da educação musical. Aponta que “os projetos sociais geralmente são pensados e propostos para solucionar um problema ou uma necessidade social” (SOUZA, 2014, p. 11). Também relata que “o que estaria no centro das aulas de música seriam as relações que os alunos constroem com a música, sejam elas quais forem” (SOUZA, 2014, p. 15), demonstrando que a interação dos sujeitos com a música através do projeto pode criar laços.

Ao tratar sobre desafios para a educação musical dentro dos projetos sociais, Souza aponta que “trabalhar com música em projetos sociais significa pensar nas condições de cada um dos participantes, nas necessidades e problemas individuais” (SOUZA, 2014, p. 21), evocando o lado humano e sensível do educador quando está atuando dentro do projeto, pois:

As experiências musicais em projetos sociais podem dar suporte para que os educandos tenham experiências autônomas e se tornem aprendizes que transformam a matéria musical em caminhos pessoais relevantes, como a participação em grupos musicais e orquestras e a profissionalização (SOUZA, 2014, p. 22).

Podemos perceber que os projetos sociais têm um papel presente na formação, iniciação e desenvolvimento musical dos participantes de tal forma que muitos dos que participam seguem como campo de estudo para sua profissão. Santana (2019) apresenta pontos significativos de projetos sociais e o motivo de serem, muitas vezes,

mais abrangentes em questão de acesso que espaços mais convencionais de ensino musical. A autora pontua que as primeiras experiências dos entrevistados:

[...] ocorreram na igreja, nas bandas escolares, na família, no auto-aprendizado ou, nas palavras deles, os que aprenderam 'sozinhos' – e os que se iniciaram em projetos sociais. O que se pode notar é que [...] nenhum aluno começou seus estudos nos meios considerados formais de ensino de música, como as escolas especializadas, os conservatórios ou os cursos de extensão das universidades. Pelo perfil dos alunos do Prima e por seus depoimentos, posso inferir que isto se deu, pois estes cursos, em geral, são pagos, o estudante precisa ter o instrumento e ficam localizados distantes de suas casas. Já o acesso aos locais que eles iniciaram era fácil, em sua própria casa ou dentro de suas comunidades. Esse era o caso do Prima onde não havia custos financeiros, eles podiam ir andando, as aulas eram gratuitas e os instrumentos eram emprestados, também gratuitamente (SANTANA, 2019, p. 85).

Através de pesquisas em repositórios digitais, encontrei alguns artigos que falam sobre a profissionalização do músico. Um dos trabalhos que me chamou atenção foi o de Brasil (2018), que em sua tese afirmou que para o músico se tornar profissional, precisa “apenas do reconhecimento de si, enquanto músico, e da sociedade que o reconhece como tal profissional” (BRASIL, 2018, p. 55). Ressalta que esse reconhecimento varia de contexto para contexto sendo que:

no âmbito da orquestra a compreensão sobre a formação profissional é diferente de músicos que atuam em bares e bailes, entre outras formações populares. É comum encontrar alunos de bacharelado em instrumento que integram orquestras juvenis, tocam em casamentos e cerimoniais, fazem turnês com orquestras outras e que desfrutam de status dentre seus pares, mas não se consideram 'profissionais', porque ainda não concluíram sua formação acadêmica, ou seja, não possuem diploma (BRASIL, 2018, p. 56).

Em sua pesquisa, Brasil (2018) abordou a profissionalização em relação à aprendizagem adquirida em um projeto social e o desenvolvimento desses participantes em uma orquestra de berimbaus. O autor definiu o conceito de profissionalização e apresentou brevemente o projeto social que já havia sido abordado em sua dissertação. Seu intuito era compreender como o projeto social contribuiu para a formação do indivíduo profissional em música e, à partir da análise dos participantes do projeto, percebeu que o contexto social e de práticas “extramusicais” estavam muito presentes. Em relação ao que devemos levar em conta dos contextos, Santos (2007) afirma que “a educação musical contemporânea tem centrado seu campo de estudo e suas abordagens em práticas diversificadas,

buscando contemplar diferentes espaços, contextos e metodologias a fim de suprir os inúmeros desafios que lhe têm sido lançados” (SANTOS, 2007, p. 1).

Ainda sobre profissionalização, Travassos (1999) define músico profissional como:

não só aquele que exerce atividades remuneradas, mas também aquele cuja prática, independentemente da geração de renda, se desenrola num determinado enquadramento de relações sociais que a distingue da prática de estudo (na qual o músico é aluno), de ensaio (que é preparatória *da performance* propriamente dita), ou de passatempo (que dispensa público e uma situação de *performance* formalizada). Assim, um indivíduo ou grupo que procura aproveitar todas as oportunidades de apresentação pública, sem ganho financeiro imediato, faz música profissionalmente, sobretudo se elas contribuem para tornar conhecidos seu nome e seu trabalho (TRAVASSOS, 1999, p. 123-124).

Pensando sobre motivação para a escolha da música como campo de estudo e de graduação, Mateiro (2007) descreve como foi o processo e as motivações sobre a escolha de alunos que ingressaram no curso de licenciatura da UDESC nos anos de 2005 e 2006. A autora aponta que muitos “escolheram estudar música antes de entrar na universidade porque gostavam muito de música. Esse gostar vem aliado a uma atividade musical, seja ela, ouvir, tocar, cantar ou improvisar” (MATEIRO, 2007, p. 180). Nesse sentido, a maioria das práticas e primeiras relações musicais são prévias ao ingresso na universidade. Contudo, devemos perceber que há uma motivação por continuar estudando e se desenvolvendo musicalmente. Segundo Mateiro (2007):

[...] a relação entre o indivíduo e a música propriamente dita é mais determinante do que fatores externos como a família, amigos, escola ou religião. No tocante à escolha da profissão a vontade de aprender música e aperfeiçoar os conhecimentos musicais, o estudo de instrumentos revelou-se como a principal motivação. A atividade de tocar um instrumento é, portanto, o foco central tanto da motivação para estudar música quanto para estudar uma profissão (MATEIRO, 2007, p. 190).

Percebemos que a escolha pelo estudo de música se dá antes da escolha da própria graduação e conseqüentemente da profissão, sobretudo, essa escolha é pautada em um sentimento de interesse do indivíduo. Lave vai afirmar que:

o fato de se tratar de práticas que interessam profundamente aos seus participantes, direta e indiretamente; elas envolvem os participantes se movendo entre os contextos de sua vida cotidiana, e isso é importante para compreender como a mudança na participação vem a acontecer. E a própria ideia de “aprender na prática” implica a existência de mudanças, e com ela a possibilidade de contribuir para compreender historicamente a mudança na vida social (LAVE, 2015, p. 43-44).

O fato do interesse vem ligado diretamente com a prática da sua vida cotidiana e as adaptações para essa nova ação, o que implica uma imersão de motivações e perspectivas acerca do que se propôs a fazer. No caso, o estudo de música prévio à graduação vem acompanhado de práticas também do cotidiano, em outros contextos. Kleber vai afirmar que “vidas podem ter uma mudança positiva, uma transformação concreta nas suas trajetórias, tendo a música como fator determinante” (KLEBER, 2014, p. 47), o que vai ao encontro da questão da motivação sobre essa prática.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

Visando os objetivos propostos para esta pesquisa, optei por construir o estudo no âmbito da abordagem qualitativa. Sobre fazer um trabalho na ótica da pesquisa qualitativa, partilho das ideias de Goldenberg (2004, p. 49) ao afirmar que “os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social”. É a relação que esses dados têm com o social e não somente nos números sobre o objeto de estudo. Segundo a autora:

representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a ‘descrição densa’ dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica (GOLDENBERG, 2004, p. 50).

Nessa perspectiva, o estudo teve como técnica de pesquisa a realização de entrevistas semiestruturadas com dois jovens, Fabrício Vieira Souza e Mateus Albuquerque de Oliveira. Para esta pesquisa, a opção por entrevistas semiestruturadas de abordagem não-diretiva justifica-se por dar maior flexibilidade e liberdade para a construção das narrativas. Sobre a entrevista semiestruturada, partilho das ideias de Chizzotti (2018, p. 44) quando afirma que “a entrevista é uma comunicação entre dois interlocutores, o pesquisador e o informante, com a finalidade de esclarecer uma questão”.

Acredito que a realização de entrevistas semiestruturadas, através de ferramentas virtuais para reunião, visto ainda estarmos em situação de pandemia e distanciamento social, foi uma técnica que contribuiu para a realização de uma abordagem compreensiva, possibilitando revelar motivações e expectativas que levaram os entrevistados a escolherem seguir seus estudos no âmbito do ensino superior de Música.

Tendo em vista o tempo disponível para a realização deste trabalho de conclusão de curso, a escolha por dois entrevistados justifica-se pela situação de pandemia e distanciamento social causado pelo Covid-19³ que temos enfrentado

³ Este trabalho foi produzido durante o momento de distanciamento social causado pelo vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19 que, somente no Brasil, matou aproximadamente **670.000 pessoas**. Para mais informações, acessar - <https://covid.saude.gov.br>

pelo isolamento social e as dificuldades de encontros presenciais. Também, pela facilidade de comunicação via aplicativos de mensagens instantâneas e o aceite em colaborarem com a referida pesquisa. As entrevistas foram desenvolvidas através do aplicativo de reuniões digitais da empresa Google (Google Meet⁴). Um dos fatores que corroboraram para a escolha dessa plataforma de reuniões foi a minha proximidade com a referida ferramenta e os recursos de gravação que contemplavam a íntegra da conversa discorrida.

Vale revelar que no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, havia acordado com outro possível entrevistado que até o dia 03 de janeiro de 2022 garantiu-me participar, mas por questões de trabalho e tempo não foi possível realizarmos a entrevista. Imediatamente, revisei meus contatos e conhecidos que se encaixariam no perfil do estudo, o que me levou a adequar uma das questões do roteiro de entrevista.

O primeiro entrevistado, Fabrício Vieira Sousa, fez parte da primeira turma de egressos do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa, a UNIPAMPA. O Fabrício foi uma sugestão da minha orientadora, primeiro para a leitura do seu TCC e, posteriormente, como um importante entrevistado em potencial. Em seu TCC, Fabrício apresenta a música no contexto de um projeto social na cidade de Bagé e também um pouco de suas vivências dentro de um projeto social em Minas Gerais. Partindo de como meu projeto foi se delineando, percebi que as experiências do Fabrício se encaixavam como perfil de entrevistado. Percebemos que também seria pertinente trazer esse entrevistado para ampliar a gama de experiências e perspectivas em relação aos projetos sociais. O segundo entrevistado foi Mateus Albuquerque de Oliveira, um participante do projeto social do qual também fiz parte na região de Osasco, SP. Mateus participou do projeto e, também, da orquestra na qual éramos companheiros de naipe. Mateus é licenciado em Música pela Universidade Estadual Paulista de São Paulo, SP, a UNESP. Por questões éticas da pesquisa, cada entrevistado aceitou assinar a cessão de direitos (ver Apêndice 1) autorizando o uso da entrevista para o TCC e mostraram-se motivados a utilizar o próprio nome, sem o uso de pseudônimos.

⁴ É um serviço de comunicações por vídeo desenvolvido pela empresa Google: https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Meet

Reconheço que dentre meus contatos e o curto tempo de um TCC, acabei por não conseguir entrevistar uma figura feminina e, sim, duas figuras masculinas. Ressalto que em decorrência do tempo e das dificuldades, optei por seguir com esses dois que já havia conseguido, mas que a representatividade nesses espaços não se deve somente ao masculino. Ao decorrer do processo de construção e escrita deste trabalho, iniciei minha atuação em um projeto social na cidade de Carapicuíba em São Paulo. Ao primeiro contato com o projeto social me deparei com turmas de dez, doze alunos em que, em sua maioria, eram meninas. O projeto social se detém a atender crianças/adolescentes de baixa renda com idades entre 7 e 13 anos, em três bairros periféricos da cidade.

No decorrer do processo das entrevistas, realizei algumas anotações, quase como diários, para registrar como foram os processos de contato até à obtenção de informações através das conversas realizadas. Essas anotações, prévias às entrevistas, me ajudaram a estabelecer um padrão para a abordagem com os entrevistados e um histórico de contatos até a finalização da etapa de coleta de dados.

Para construção do roteiro de questões (ver Apêndice 2), propus indagações que eram mais dialogáveis mantendo a perspectiva de uma entrevista semiestruturada. Sobretudo, essas indagações gerariam momentos em que o entrevistador pudesse flexibilizar outros questionamentos a partir das falas dos entrevistados.

Após a gravação das entrevistas com Mateus e Fabrício, realizei a transcrição observando os pontos que chamavam atenção e os assuntos levantados durante a narrativa. Para a fase de análise dos dados e criação de categorias analíticas, apoiei-me em Gil (2002, p. 134), que discorre sobre procedimentos de categorização de dados como:

ler e reler o material obtido até que se tenha o domínio de seu conteúdo para, em seguida, contrastá-lo com o referencial teórico. Essas leituras sucessivas possibilitam a divisão do material em seus elementos componentes, sem perder de vista sua relação com os demais componentes (GIL, 2002, p. 134).

E para a análise dos dados, afirma que:

é necessário que o pesquisador ultrapasse a mera descrição, buscando acrescentar algo ao questionamento existente sobre o assunto. Para tanto, ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando possíveis explicações, configurações e fluxos de causa e efeito. Isso irá exigir constantes retomadas às anotações de campo e ao campo e à literatura e até mesmo à coleta de dados adicionais (GIL, 2002, p. 134).

Para ter respaldo e base nas discussões e interpretações dos dados coletados, tomei alguns autores de minha revisão para serem meu referencial teórico, dentre eles Bozzetto (2012), Souza et. al. (2014) e Kleber (2014).

Após as leituras do material construído nas entrevistas, me voltei às transcrições e fui marcando pontos importantes que me chamavam atenção dentro das falas dos entrevistados, que ajudaram a estabelecer conexões e ter uma visão macro das informações. Becker (1993, p. 12) salienta que prefere “um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito”, assim, preferi organizar os dados coletados em duas tabelas. Para cada novo assunto ou realce de informações separadas na transcrição, era criada uma nova coluna na referida tabela.

Ao finalizar a primeira tabela com os dados resultantes da entrevista com Fabrício, me deparei com um padrão que poderia adotar para a segunda tabela, pois percebi que determinados tópicos eram completamente ligados às minhas questões de pesquisa e principalmente com as perguntas feitas durante a entrevista. Por consequência, quando fiz a segunda tabela com os dados do Mateus, procurei, primeiro, completar esses pontos que já haviam sido levantados na tabela anterior e acrescentar os tópicos que tinham surgido durante a conversa como fruto da pesquisa qualitativa e da entrevista semiestruturada. Tais tabelas foram primordiais para a construção dos capítulos a seguir (Apêndices 3 e 4).

4 PROJETOS SOCIAIS E FORMAÇÃO MUSICAL DOS ENTREVISTADOS

Durante anos temos visto as ações de projetos sociais como forma de incentivo e de desenvolvimento de crianças e jovens das mais variadas formas e objetivos. Mas em si, o que são projetos sociais? São ações de incentivo à cultura e integração à sociedade? São a pedagogia em prática para lidar com pessoas no dia a dia? É a transformação e novos horizontes para as vidas dos que participam? Segundo Nascimento (2014) “qualquer que seja a perspectiva assumida nos projetos sociais, as experiências até agora realizadas visam a integrar os beneficiários a um determinado projeto de sociedade” (NASCIMENTO, 2014, p. 52). Podemos dizer então que os projetos sociais são práticas para que os beneficiários tenham acesso ao que ainda não tiveram de uma forma coerente, acompanhada e auxiliada.

Segundo Kleber, “no Brasil, o Terceiro Setor é um fenômeno emergente desde a década de 80 e se configura mediante as ações políticas, éticas e estéticas dos movimentos sociais de diversas naturezas” (KLEBER, 2014, p. 32), o que nos leva a perceber que, mesmo depois de tantos anos, as práticas feitas dentro dos projetos sociais têm atingido as populações e de certa forma, atendido e influenciado o estilo de vida dos que participaram.

Com esse bojo de transformação social, Kleber (2014) aponta que:

o Terceiro Setor tem se apresentado como a dimensão da sociedade em que proliferam os movimentos sociais organizados, as ONGs e os projetos sociais. Observa-se uma significativa oferta de práticas musicais ligadas a propostas educativas para jovens adolescentes em situação de exclusão ou risco social (KLEBER, 2014, p. 32).

Tomar a música como instrumento para o fazer social e mudança nas vidas dentro dos projetos, se torna cada vez mais repentino e comum. A música assume uma forma atrativa, incentivadora e de ação social forte, por transformar o que a pessoa escuta em uma liberdade de expressão a partir das suas práticas. Pensando que o social é um conjunto de indivíduos que carregam suas diferenças, crenças e realidades dentro de si, não podemos descartar o contexto em que cada projeto social é inserido. Kleber (2014) vai afirmar que “a música é social não só porque está sendo produzida através do mundo material e social, mas, também, por sua capacidade de simbolizar o mundo externo material e social tal qual está estruturado” (KLEBER, 2014, p. 37), revelando que a utilização da música nos projetos sociais é uma das formas mais abrangentes de fazer com que os que estão usufruindo dela, possam

demonstrar, caracterizar e ampliar os parâmetros de sociedade e de social, como também, sua forma. Seguindo essa visão de que a prática musical dentro de projetos sociais deve considerar o que os indivíduos participantes necessitam, Souza (2014, p. 20) vai ressaltar que:

No caso da música em projetos sociais, uma vez que o fim é a inclusão, a pedagogia (musical) deve levar em conta as necessidades de todos os atores sociais envolvidos, e não ditar as regras para gerar uma conformidade social que neutralize possibilidades de transformação social (SOUZA, 2014, p. 20).

Quando saímos do contexto geral da ideia de projeto social e vamos para o produto que ela entrega, vemos os resultados desses investimentos de tempo e espaço. E como já citado, o meu intuito nessa pesquisa foi de abordar sobre dois indivíduos que participaram ativamente de dois projetos sociais e que escolheram seguir para uma graduação em Música.

4.1 Aspectos ligados à formação e atuação musical: da família para o projeto social

Ao discutirmos sobre a formação musical dos entrevistados, ambos expuseram a importância familiar ao longo dessa trajetória. Fabrício relatou que seu pai sempre gostou de música, mais como um *hobby*. Ele tocava contrabaixo e tinha um violão que contribuiu para ampliar seu interesse pela música. Ele também comenta que logo no início das aulas dentro do projeto, seu pai percebeu o interesse que havia desenvolvido e para incentivá-lo deu-lhe uma guitarra. Mateus, por conta de seus pais irem à igreja, começou seus estudos de teoria musical nesse contexto. O entrevistado também fez aulas particulares no Conservatório Villa-Lobos em Osasco - SP, cursos livres com duração de seis meses de orquestra de cordas na EMESP e seguiu para outras áreas como teatro musical, oportunidade que teve para estudar canto. No entanto, Mateus discorreu que as aulas de teoria eram muito distantes da prática musical. Ele via a orquestra da igreja tocando e seu desejo era o de tocar violino. Quando uma amiga lhe contou do projeto Instituto Grupo Pão de Açúcar - IGPA⁵, onde ela cursava violino, sentiu-se motivado a ingressar no projeto:

⁵ IGPA – Instituto Grupo Pão de Açúcar. Uma das atividades desenvolvidas pelo Instituto é o Curso de Música e Orquestra Instituto GPA. Mais informações disponíveis em: <https://institutogpa.org.br/projeto/programa-de-musica-e-orquestra/>.

[...] 2013 eu entrei e fiz os dois anos lá de violino. E depois eu fiquei na orquestra de 2015 até 2018, que foi quando eu entrei na UNESP. Mas antes de eu entrar na UNESP eu fiz seis meses de licenciatura na FMU, a FIAM FAAM. [...] aí lá na UNESP eu precisei sair do Pão de Açúcar porque não batia os horários dos ensaios com a minha grade de aula (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Além das aprendizagens familiares, Fabricio exemplifica como iniciaram seus estudos no projeto social:

[...] numa época, eu fiquei amigo de um colega do bairro que conheci na igreja do meu bairro e ele fazia aula em um projeto social. E aí, quando esse menino que fazia aula de violão me convidou a conhecer o projeto social que ele fazia aula, eu fiquei, assim... de certo modo, encantado; não só com a possibilidade de estudar música, mas com o convívio que havia naquele lugar. Logo que eu cheguei, assim, a primeira vez, eu gostei bastante do ambiente assim, muito jovem, muita criança fazendo atividades artísticas, não só musicais, mas teatro, dança. Então, todo aquele ambiente, já logo de início, já me chamou atenção (Fabricio, entrevistado em 28/10/2021).

A partir de sua inserção no referido projeto social, Fabricio, “com o passar do tempo”, foi percebendo “que a música não era só um passatempo”. Nesse sentido, a música começa a se tornar uma possibilidade profissional, conforme explica:

E acabou que pra mim essa aproximação em relação à área da Música e, principalmente, já, mesmo quanto aluno no projeto eu admirava, tinha muito como objetivo, isso de me tornar professor [...] então coincidiu com esse período do Ensino Médio e eu já fui decidindo estudar Música mesmo (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Fabrício ressaltou que um dos pontos determinantes dentro do projeto social que o levou a seguir profissionalmente na música foi a aprendizagem de estilos musicais brasileiros que ele já tinha interesse. Além disso, o incentivo dos professores para a ampliação de conhecimento musical para além do projeto, em festivais e apresentações em outras cidades. Após a conclusão dos estudos escolares, decidiu entrar em uma universidade iniciando os estudos acadêmicos no campo da música. Segundo o próprio entrevistado, tornar-se professor de música foi uma escolha de vida: “É isso mesmo que eu quero da vida. É isso que eu gosto de fazer” (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Mateus também enfatizou que durante sua formação musical inicial teve outras experiências, dentre elas, tocar em orquestras como a da UNESP:

Sempre fiz provas pra Municipal⁶ e EMESP assim, mas eu nunca passei, eu nunca fui muito de ser violinista solo assim. Então, tipo, meu repertório não era muito disso, era mais de orquestra. Claro que eu tinha essa ambição de, como todo mundo que começa na música de se tornar um grande solista, não sei o que, mas que é muito difícil (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

4.2 Sobre os projetos sociais que participaram: da ansiedade e espera ao primeiro contato

Com a finalidade de conhecer cada um dos projetos sociais dos entrevistados, foi possível perceber algumas diferenças que constituem cada um dos formatos. O de Mateus é voltado a instrumentos de cordas friccionadas como violino, viola, violoncelo e contrabaixo, tendo seu formato através de aulas coletivas e em um modelo de orquestra. O de Fabrício visava atender uma demanda maior de instrumentos como violino, violoncelo, viola de arco, cavaquinho, bandolim, violão, de percussão e flauta doce, e em outras áreas das artes. Em seu projeto, vários instrumentos musicais eram emprestados para os alunos levarem para estudo em casa. Ao falar de uma inscrição e um teste musical para ingressar no projeto, Mateus descreve como foi esse processo:

Então, na minha prova, eu lembro que eu precisava repetir alguns ritmos que a pessoa tava fazendo, tinha que cantar o *Parabéns pra você* também que foi muito engraçado, quando falou assim 'agora canta o *Parabéns pra você*'. Eu fiquei tipo 'ôxí!?!'. Aí, depois de um tempo, saiu a lista né, das pessoas que passaram, eles chamaram. E, eu acho, passaram quarenta pessoas, e era, a gente aprendia já com o formato de orquestra, então já com os violinos, violas, violoncelos e contrabaixo (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Ambos enfatizaram que seus instrumentos musicais – violino e violão - tinham grande procura dentro dos referidos projetos. Mateus, desde o início, conseguiu vaga no instrumento musical desejado, o violino, que “era o mais concorrido de todos”. Comentou que, na primeira aula, o maestro pediu para que alguns alunos trocassem de instrumento para experimentarem, mas que o violino era o mais procurado e querido pelos jovens estudantes. No projeto social em que participou, houve uma pequena seleção e lista de aprovados para participarem do projeto.

⁶ Faz relação à Escola Municipal de Música de São Paulo (EMMSP) ligada ao núcleo de formação da Fundação Theatro Municipal de São Paulo.

⁷ Interjeição de susto, disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/made-in-brasil/2017/04/21/noticia-especial-madeinbrasil.590031/conheca-as-girias-que-se-usa-em-brasil.shtml#:~:text=Oxi%20ou%20oxe%20%3B%20Tem%20origem,cômico%20até%20perder%20o%20controle.>

Diferentemente, o projeto social em que Fabrício participou funcionava por inscrição e procura. Em seu caso, o violão “era o mais difícil de conseguir vaga”. Fabrício ficou um tempo na lista de espera até poder “começar a fazer aula de violão”. No começo de seus estudos, aprendeu o violão clássico com métodos mais tradicionais, como o método do Henrique Pinto e Tárrega. Quando houve troca de professor para outro que desenvolvia o violão popular, seu interesse aumentou, fazendo do violão o seu instrumento musical. Fabrício, que havia ganhado uma guitarra de seu pai no Natal, ressaltou que o fato de não ter como opção de estudo esse instrumento no projeto social o fez se apaixonar pelo violão:

[...] quando apareceu o projeto, eu fui fazer aula no projeto. E lá não tinha aula de guitarra. A princípio, a minha ideia era aprender a guitarra que eu tinha ganhado a guitarra. Mas, cheguei lá e tinha aula de violino, violoncelo, viola de arco, tinha aula de cavaquinho, bandolim, violão, de percussão depois e flauta doce, se eu não me engano. [...] E aí eu comecei a fazer aula de violão e era violão clássico, com já, o professor, já iniciava ensinando leitura, partitura, método do Henrique Pinto, Tárrega, essa linha do violão clássico (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Com o passar do tempo participando do projeto, Fabrício foi descobrindo que gostava “mesmo é do violão”. O que contribuiu para direcionar sua escolha foi o fato de não ter opção da guitarra e ter também a referência do violão em sua casa. Segundo ele, “Não me imagino tocando outro instrumento”. Assim, o violão foi se mostrando “um caminho infinito”.

4.3 Por que, então, estudar música em um projeto social?

Os projetos sociais têm, como uma de suas características, serem apresentados à população como gratuitos e sendo patrocinados ou cobertos por entidades governamentais ou não governamentais. Por não terem custo adicional para a população, conseguem atender uma parcela que nem sempre teria condições de sustentar aulas particulares e/ou coletivas de instrumento musical. “[...] eu pensei ‘é lá mesmo não é, aula gratuita e algo que me atrai, que me interessa’” (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

As motivações não surgem somente por ser um acesso a conhecimento e ensino gratuito, mas para Fabrício, o tipo de ensino, o que se aprende e as oportunidades que surgem dentro do projeto foi uma das questões decisivas para sua

escolha: “[...] maneira que eu vi que eles ensinavam lá” (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021). Para Mateus, que havia tido experiências com aulas de música que nunca chegavam à prática do instrumento, o que ele procurava no projeto social era uma oportunidade de aprender a tocar e principalmente se fosse efetivamente por atividades práticas.

Fabrício, ao comentar as suas motivações pela escolha do projeto social, apontou que o ensino de música dentro do projeto era diferente do ensino das escolas de música da cidade em que vivia. Enquanto um ensino era mais aprofundado e baseado em aspectos teóricos, o outro era mais voltado a uma prática de “show, do aparecer, da apresentação”. Fabrício também enfatizou que o contato com um colega que já estava fazendo aulas há mais tempo e o fato de conhecer o material desenvolvido e ver como estava tocando, desenvolveu uma motivação para aprender e, conseqüentemente, participar do projeto: “[...] nunca houve essa opção, essa ideia de fazer aula particular, por conta de ter me atraído pelo projeto, exatamente pela maneira que eu vi que eles ensinavam lá (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Mateus também comenta que uma das motivações emergentes ao conhecer o projeto foi a prática em grupo já em formato de orquestra, já que era o principal motivo de ter deixado as aulas na igreja e a possibilidade de viagens em que os alunos poderiam ser escolhidos para fazer parte de turnês, tocando em outros lugares e até mesmo outros países.

Foi possível compreender que ambos entrevistados apontam características marcantes dos projetos sociais; um deles sendo a prática em grupo e, o outro, a forma de ensino e aprendizagem. Pode-se perceber que essas possibilidades dentro dos projetos têm criado grandes expectativas e motivações para os participantes. Bozzetto (2012) vai afirmar que ao “dar a oportunidade a uma criança e jovem, notadamente de camadas de baixa renda, é abrir um mundo de possibilidades que, com o tempo de convivência, podem se tornar uma referência de mundo social para toda uma vida” (BOZZETTO, 2012, p. 266).

Ao proporcionar possibilidades de visão de mundo e de futuro para crianças e jovens, os projetos sociais expandem oportunidades e conseqüentemente se tornam um “meio (*medium*), um canal de comunicação pelo qual as pessoas podem ser alcançadas, atingidas, compreendidas e apoiadas” (SOUZA, 2014, p. 19). A música dentro dos projetos sociais tem grande força, não somente por estar envolvida com afetos, lembranças, criando vínculos com o conhecimento dos participantes, mas

também “faz parte de um processo de socialização, através do qual crianças, jovens e adultos criam suas relações sociais; por essa razão, ela apresenta um forte potencial de mobilização e agregação” (SOUZA, 2014, p. 16).

Ao considerar os agentes sociais dentro desses projetos percebemos que há, ainda, a ideia de pertencimento e de qualidade de tempo. Bozzetto (2012, p. 217) vai abordar sobre o que as famílias dos participantes de um projeto social entendem por esse tempo em que seus filhos estão no projeto como algo que tem potencializado sonhos e planejamentos; uma atividade para ocupar aquele que seria um tempo “ocioso, desperdiçado, vulnerável”.

Nesse sentido, Maciel (2014, p. 106) vai ressaltar a importância dos projetos sociais e os produtos que causam dentro da sociedade:

Não se pode negar a importância de projetos dessa natureza, dentro da atual configuração social, como instrumentos para redução das desigualdades, como espaços que possibilitam a inserção social através da construção da cidadania, da emancipação e dignificação do ser humano. (MACIEL, 2014, p. 106).

Não somente o que o projeto social pode oferecer para sociedade, mas também, para os que estão dentro do projeto. Ao considerar o tempo em que os jovens estão no projeto, Kleber (2009, p. 231) aponta que os participantes de sua pesquisa que pertenciam a uma ONG, vislumbravam uma “visibilidade através das atividades formadoras e prazerosas relacionadas com a prática musical”. Sobretudo, a ideia de pertencimento que os participantes dos projetos sociais possuem é um impulsionador para que se mantenham no grupo aprendendo música. Além da “sinergia da família com o projeto social” (Bozzetto), a ideia de pertencimento, de fazer parte, de estar participando de algo maior é um impulsionador, um motivador. Nesse sentido, Bozzetto (2012) ressalta que:

A mudança da rotina dos alunos deixa marcas não apenas no plano simbólico, das experiências vivenciadas durante o longo tempo de socialização musical que os alunos vão acumulando no projeto da orquestra e que se tornam o dinamismo e a motivação para que desejem continuar no grupo (BOZZETTO, 2012, p. 215).

4.4 “Não há uma receita, um molde de projeto social, mas que o principal é essa capacidade de construir, de se reconstruir”

Quando questionados sobre para que os projetos preparam e como eles poderiam ser, os entrevistados explanaram que não “existe um certo ou errado”. Mateus aponta que a ideia principal do projeto social é “de você fazer alguma coisa pra sociedade”, além de atender as necessidades é estabelecer conexões e relações entre os que participam. Fabrício apresenta um viés de que:

a gente não pode ter uma visão muito fechada do que deve ser um projeto social, exatamente porque um projeto social deve ser capaz de se moldar de acordo com a necessidade do lugar em que ele se estabelece não é. Eu acho que a principal característica assim positiva de um projeto social, é conseguir compreender as necessidades e objetivos do público alvo (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Ao lembrar de como era seu projeto social, Mateus ressalta que para ele o projeto era “ótimo”, pois “você aprendia o instrumento, você conseguia aprender os outros instrumentos, porque você aprendia com os outros instrumentos. Claro que um pouco mais só olhando, mas você conseguia pegar algumas coisas”. Mateus destaca o fato de seu projeto social ser desenvolvido a partir de aulas em grupo já em formato de orquestra e também a questão do “tocar individual” e do “tocar em grupo”, que segundo ele é “super importante”, pois via “em algumas pessoas, que sempre tocavam em conservatórios sozinhos, com aula particular e quando ia tocar em orquestra não conseguia”. Ainda lembra das apresentações que faziam com a orquestra do projeto social e a formação de plateia:

E não só a formação de plateia dos integrantes, mas também das pessoas que assistiam enquanto a gente tocava, porque tinha muito isso né, da gente às vezes fazer concerto pra, enfim, público e sempre quem estava de *host*⁸ lá do concerto, apresentando o concerto, explicava, enfim, sobre as músicas, muito disso de bater palma pra pedir um bis também, então, eu acho que é super importante não só pra quem participou, mas para as pessoas que ouviam a gente tocar no mercado assim. Tipo, porque a gente também fazia concertos em mercados né. Então, eu acho que ajudou não só pra essas pessoas que fizeram parte do projeto tocando, mas da sociedade em geral que escutou a gente tocando (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

⁸ Anfitrião - <https://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/host.html>

Mateus expõe uma situação sobre a formação de plateia, levando em consideração que seu projeto social é voltado às músicas orquestrais, sobretudo, podemos perceber que ele sente que a música orquestral, na ideia de apresentação em casa de concerto tem perdido forças ou que tem se tornado menos “popular”:

mesmo se você não for seguir carreira na música, você vai, pelo menos ter o mínimo interesse em querer assistir algum concerto ou alguma coisa assim, isso, e deixar trazer essa música, não deixar ela morrer né. Claro que eu acho que não, se for morrer vai demorar ainda bastante tempo, mas é uma coisa que a gente vê que está se extinguindo assim. Ela está diminuindo cada vez mais (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Além de ressaltar os pontos positivos do projeto social que participou, Mateus ainda comenta que houve um momento em que pensou que o projeto social “poderia muito ter aulas de teoria, de harmonia, não sei o quê”, contudo, ao analisar a proposta do projeto, percebe que talvez não seja um dos objetivos ter esse tipo de aulas:

mas eu acho que as vezes não é a ‘pira’ de quem tá lá, porque não é todo mundo que quer seguir carreira na música, enfim. E que às vezes você tá fazendo só por *hobby*. E que é uma coisa muito mais acadêmica no sentido de, assim, de ser uma coisa mais acadêmica, que você não vai usar pra você tocar, sei lá, fazer um, tocar pra sua família escutar assim, você não vai ficar analisando a harmonia do negócio e tal (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Sobre um olhar um pouco mais geral, Fabrício revela que não pode adotar o modelo de projeto social que participou como perfeito, pois em outro contexto, esse modelo não seria “o mais interessante”. Conforme o entrevistado destacou:

eu fazia aula de violão de música e os professores perceberam que aqueles alunos poderiam ter interesse em seguir estudando, então eles se esforçaram em seguir tentando tornar isso realidade não é, em contribuir com isso. Agora num outro contexto, suponhamos que um projeto social que precisa trabalhar numa área, que ele precisa simplesmente tá agrupando as crianças e propondo atividades coletivas que não vai conseguir aprofundar tanto na parte teórica, que precisa ocupar as crianças, precisa mostrar uma opção. *‘Beleza, é legal’*. Eu acho que o principal, assim, pro projeto social, é a capacidade de compreender o ambiente. Não adianta nada chegar numa comunidade que vive de determinado modo e tentar colocar de modo autoritário, *‘Bom, aqui a gente só vai ensinar esse tipo de conteúdo’*, esse tipo de coisa, então, acho que o principal do projeto social é conseguir ter uma clareza nos objetivos. *‘Bom, nossos objetivos são esses’*, e os objetivos também precisam ser construídos de acordo com as necessidades da comunidade na qual ele tá inserido. Mas ele também precisa ter capacidade de se moldar e de construir formas de atuar que consigam, de fato, se relacionar com o que as pessoas estão vivendo (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Ao relatar sobre as dificuldades que um projeto social pode encontrar, Fabrício também apresenta os desafios em relação à população, pois por ser heterogênea, “como conseguir dar atenção, dar possibilidade, desde o aluno que às vezes vai querer profissionalizar ao aluno que tá ali mais pra se divertir, passar o tempo”. Sobretudo, ele aponta que “não há uma receita, um molde de projeto social, mas que o principal é essa capacidade de construir, de se reconstruir, de acordo com o que é necessário”.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, Fabrício ainda ressaltou que o principal objetivo do projeto social era “recuperar a autoestima dos alunos” (SOUZA, 2015) através de “oficinas artísticas” para construir “relações pessoais” e “positivas”. Seguindo esse viés, Maciel (2014) vai enfatizar que:

é preciso oferecer uma educação musical que esteja atenta às necessidades dos indivíduos, das comunidades e da sociedade de uma forma geral, que se proponha à ampliação e enriquecimento das experiências musicais através do fazer, da audição e apreciação, da análise e da criação musicais (MACIEL, 2014, p. 106).

Essencialmente, Fabrício coloca em questão que devemos nos preocupar com qual educação musical estamos trabalhando, levando em consideração uma educação musical que atenda às necessidades de cada participante, seja em um projeto social, uma aula particular ou em uma graduação.

5 DO PROJETO SOCIAL PARA A GRADUAÇÃO EM MÚSICA: perspectivas e motivações

Após o término dos estudos regulares no ensino médio, há muitos caminhos que os jovens podem escolher. Um desses é a graduação em alguma área de interesse, de modo a buscarem sua opção/realização profissional. Nesse sentido, muitos jovens são motivados a ingressar em universidades por relações que criaram previamente ou por curiosidade pela área de estudo. Sobretudo, quais seriam as motivações que jovens egressos de projetos sociais têm para ingressar em uma graduação em Música? Essas questões serão discutidas e foram abordadas com os dois entrevistados.

5.1 Motivações para a escolha da graduação em Música: “Quero estudar Música, quero me tornar professor de Música!”

Quando abordados sobre o que levou a escolha pela graduação em música, os entrevistados afirmaram que tinham contato com música prévio ao projeto social que participaram. Contudo, as experiências que tiveram, durante a participação no projeto social, foram pontos cruciais para realizarem essa escolha.

Fabício pontuou que, antes do projeto social, seu contato com a música era mais como um ouvinte e que seu interesse “não era assim tão amplo”. Mateus, antes de começar a ter aulas dentro do projeto social, tinha vários “sonhos de fazer faculdades”, mas, após começar a tocar dentro do referido projeto, tomou a decisão de que era o que queria.

Nesse sentido, pode-se observar que as práticas e experiências proporcionadas dentro dos projetos sociais foram marcantes e impactantes para os dois entrevistados. Para Fabício, o interesse por se tornar professor de música veio a partir do contato com a atuação de seus professores, assim, delimitando seus olhares para a licenciatura, um dos caminhos a seguir dentro da área de música. Diferentemente de Fabício, que já havia delineado para quais segmentos ir dentro da área, Mateus queria continuar com seus estudos de violino e seguir para universidades internacionais, inclinado a fazer um bacharelado em instrumento. Contudo, ele estava no período de alistamento no exército brasileiro e não queria servir. Após conversar com a diretora artística do projeto social que participava, percebeu que poderia aumentar suas chances de não servir se estivesse cursando

alguma graduação. Logo soube que haviam se encerrado os prazos para a inscrição do Sisu, então iniciou uma pesquisa por uma graduação que pudesse custear:

tinha encerrado os prazos das provas tipo, do Sisu, enfim, de todas essas bolsas, então, já era um empecilho maior assim, eu precisava escolher um curso que fosse barato e que eu pudesse pagar, porque a bolsa que eu recebia não era tão alta (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

O fato do auxílio que a participação da orquestra do projeto social oferecia era pouco, Mateus procurou diversas universidades e selecionou o curso de licenciatura em música no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas:

Então eu achei o curso da FMU de licenciatura em música. Eu falei, “*eu vou fazer, pra ver como é que é. Pelo menos eu vou estar na minha área, que é música, e ano que vem eu paro aqui e volto a continuar estudando violino pra tentar fora*”. Não passei no alistamento, assim, de cara, nem perguntaram se eu fazia faculdade, só perguntaram se eu queria participar ou não; eu falei que não e me dispensaram. Só que eu gostei muito do curso, da licenciatura, principalmente na parte da educação, assim, educação infantil e tal. Aí eu meio que mudei assim, meus planos né, porque como eu curti muito o curso de licenciatura, resolvi continuar (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Ao saber que seria dispensado do exército, continuou seus estudos por mais um semestre motivado pelo curso de licenciatura. Contudo, ao perceber que havia falta de professores, alterou seus planos e prestou vestibular para a UNESP:

Eu fiquei na orquestra da FMU um tempo, mas aí eu terminei o semestre, cancelei minha matrícula e prestei UNESP no ano seguinte e eu passei. Aí, enfim, eu curti muito mais, assim, o curso. Foi bem pesado porque no primeiro semestre eu tinha doze matérias assim, tipo, é um absurdo. Em contrapartida, não dava pra estudar tanto o violino, porque com doze matérias, assim, você precisa estudar e se dedicar um pouco pelo menos e era um pouco mais difícil de conciliar isso, não é, do estudo do violino com a faculdade. Mas foi meio, por isso assim, que eu escolhi a licenciatura e segui em música (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Ambos ainda compartilharam que o contato com música dentro de casa se tornou um dos fatores responsáveis pelo engajamento e motivação para que pudessem estudar música. Nesse sentido, ao explicar sobre a relação entre família e música, Fabrício aponta que “um fator muito relevante” para que o aluno possa continuar a se desenvolver dentro do projeto social e, posteriormente, na graduação é a “família não colocar uma barreira”. Ao refletir sobre essa questão do apoio familiar, ou não, tenho observado como egresso de projeto social que boa parte da motivação,

permanência e desenvolvimento de jovens e adolescentes dentro desses espaços ganha força quando a família está em sinergia com esse projeto (Bozzetto, 2012). Assim, se o aluno não encontra esse apoio, muito provável que não seguirá com seus estudos.

Nesse sentido, podemos perceber que o projeto social não se relaciona somente com os que estão dele participando, mas com toda a estrutura familiar. Bozzetto (2012, p. 265) discutiu o projeto educativo das famílias dos participantes de um projeto social, revelando que o investimento das famílias para o suporte de seus filhos na orquestra vai muito além das alterações da “rotina cotidiana”, buscando “estimular, estar ao lado, conversar com o filho”. Sobretudo, a autora aponta que “os alunos que estão no grupo também ali permanecem por uma forte mobilização familiar, que trabalha em paralelo à socialização musical”.

Ao encontro do que Bozzetto afirma, Kleber (2014, p. 37) indica que “o fazer musical é um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências em outras ações sociais”, seja essas ações sociais relacionadas à música ou não. Fabrício, ao relatar experiências no projeto social do qual foi integrante, trouxe também a importância das apresentações musicais:

Dos pais verem os filhos fazendo, participando, fazendo as atividades, porque aí, que às vezes você não presta atenção em casa, vai prestar atenção ali, porque colocou com outras pessoas, porque colocou num palco, ‘ó, *você está aqui pra isso, pra assistir seu filho fazendo*’. Eu acho que essas coisas valorizam bastante não é, dá essa possibilidade ‘*nossa, que legal, olha a evolução do meu filho, olha como tá aprendendo*’ (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Essas relações criadas parecem gerar incentivo tanto para as crianças quanto para os pais. Nessa direção, Bozzetto (2012) ressaltou que “a família revela um forte e contínuo investimento” (2012, p. 265), principalmente das “mães que estão sempre atentas ‘lendo jornal’ à procura de cursos ou ‘de anteninha ligada’ para descobrirem uma forma de os filhos estudarem música gratuitamente”.

5.2 Universidade, aí vamos nós!

Uma transição marcante que podemos destacar é a passagem do mundo da escola para o da universidade. Com histórico de ter provas de aptidão para ingressar em seus cursos, a área da Música pode ser vista como excludente em alguns aspectos

e, até, de difícil acesso. Contudo, algumas universidades têm mudado suas concepções para apagar esse estigma e se tornarem de fato acessíveis através do Enem e do processo do Sisu. Uma das universidades que se propõe a ter esse tipo de acesso é a Universidade Federal do Pampa. A principal forma de ingresso é através do Exame Nacional do Ensino Médio como descrito no PPC do Curso de Música - Licenciatura: “O Processo Seletivo da UNIPAMPA acontece pelo Sistema de Seleção Unificada (SiSU), proposto pelo Ministério da Educação, utilizando-se as notas obtidas pelos estudantes no ENEM” (Projeto Pedagógico do Curso de Música - Licenciatura, 2016, p. 40)⁹.

Ao discutir com os entrevistados sobre as perspectivas que tinham a respeito do ingresso na universidade, Fabrício “achava que o curso de música era difícilimo, que teria que fazer uma prova prática, uma prova teórica, que teria a maior dificuldade de entrar numa universidade”. Mesmo tendo colegas e professores que já haviam ingressado numa graduação em Música, ainda estava apreensivo com as provas de aptidão que, por fim, não precisou fazer. Por sua vez, Mateus, que por seus irmãos já terem cursado outras graduações, tinha uma ideia do que era a universidade e ingressou “pensando nesse sentido, da pesquisa e tal”.

Ambos entrevistados comentaram ter receios a respeito dos testes de habilidade específicos para ingresso na universidade¹⁰. No caso de Mateus, o fato de não ter aulas de teoria musical de forma separada ao instrumento no projeto social o fez se sentir despreparado para a graduação. Ele ainda compara o semestre que fez de licenciatura em Música na FMU como um cursinho preparatório, pois foi onde ele ganhou uma base de estudos e aprimorou a teoria que era defasada no projeto social para, então, prestar o vestibular da UNESP. Apontou que ao ingressar na UNESP, mesmo tendo feito um semestre em outra graduação em música que “pegavam desde o começo”, teve que se dedicar mais aos aspectos técnico-musicais que não tinham tanta ênfase no projeto social.

Fabrício, mesmo já tendo contato com os conteúdos e exercício pedidos na universidade, ainda tinha receio. Afirmou que no projeto social que participou havia

⁹ Mais informações sobre ingresso na Unipampa página 40 do Projeto Pedagógico do Curso de Música – Licenciatura da Unipampa⁹ através do link: https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/licenciaturaemmusica/files/2019/01/ppc-2017-com-ementario_atualizacao-jan_2019.pdf

¹⁰ Meu intuito com este trabalho não é de questionar a presença ou não de provas de conhecimentos musicais específicos. No entanto, reconheço a importância deste tema para futuras pesquisas.

aulas de teoria e isso foi um grande apoio para a universidade, pois pensava estar mal preparado. No entanto, conseguia fazer os exercícios sem dificuldades. Também comentou que no início chegou a ter uma certa frustração, pois o que estava sendo introduzido nas aulas de graduação era o que ele fazia no projeto social e via seus colegas de turma tendo dificuldades.

Tanto Fabrício, quanto Mateus, revelaram que a dificuldade das matérias exigidas nas aulas do início da graduação não era difícil. No entanto, o que estava dificultando e se tornando o principal fator de estranhamento aos dois foi a quantidade de componentes a serem cumpridos no primeiro semestre, conforme relatado por Mateus.

Fabrício integrou a primeira turma, em 2012, de um curso de graduação em Música - Licenciatura em uma Universidade Federal localizada no interior do Rio Grande do Sul. Ao explicar sobre esse aspecto, expõe que pelo Curso ser muito novo e estar em fase de estruturação, algumas aulas não eram ministradas dentro do campus da universidade. As mesmas aconteciam em espaços culturais no Centro da cidade:

quando o curso começou, as primeiras aulas eram no IMBA¹¹. Principalmente as aulas práticas era no IMBA e tinha aula na Casa de Cultura¹² também, que era, se não me engano, as aulas de teoria, percepção, eram na casa de cultura. E aí, depois assim, se não me engano, segundo ou terceiro semestre, a gente foi passando mais pro campus, o bloco quatro da UNIPAMPA, acho que é o bloco quatro que é o mais recente, foi ficando pronto e aí havia espaço para as aulas de música né (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Especialmente, afirma que esse ponto foi essencial para que não houvesse um impacto muito repentino de comparação entre os ambientes do projeto social - que tinha muitas expressões artísticas acontecendo muitas vezes ao mesmo tempo - e o da universidade, que abrangia somente um curso de Música em fase inicial de implantação, configurado como uma Licenciatura: “[...] se não tivesse sido no IMBA, que era um ambiente musical, eu teria estranhado bastante” (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

¹¹ Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé – mais informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/imbabage/>

¹² Casa de Cultura Pedro Waine - mais informações disponíveis em: <https://www.turismobage.com.br/pontos.php?id=67>

Ao explicar sobre o início da graduação, Fabrício revelou alguns problemas enfrentados. Pelo fato de as aulas de percussão serem em salas próximas a um curso da área de Exatas, havia conflito por conta de “barulho”:

[...] ‘estou fazendo prova de cálculo II aqui, vocês tão aí fazendo barulho’. Isso daí eu me lembro que já acontecia, lá no Bloco 4, quando tinha aula de percussão; o [professor] Matheus dando aula de percussão, o professor dos cursos das exatas, bravo, porque estava atrapalhando. Isso daí já acontecia. Eu acho que, com o passar do tempo, o curso vai se estabelecendo, foi o curso que se colocou com bastante seriedade no campus, os professores sempre tentaram ser exemplares (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Lembra que um dos fatores que ajudaram no “estranhamento” desse novo ambiente da universidade foi o fato de, logo ao começo do curso, ter enfrentado uma greve que poderia ter afetado ou até mesmo acabado com o curso de Música, além de ainda não haver instrumentos musicais no campus:

[...] e logo teve uma greve também que os outros cursos todos pararam e o curso de música não podia parar, porque tinha acabado de começar. Se tivesse parado, nem teria começado. E aí, além de conviver, quando ia no campus de não ter nada referente a quase, praticamente nada relacionado a música né, não tinha um instrumento lá na universidade, não tinha nada. Teve uma época que a gente ia pro campus e não tinha nada mesmo, não tinha outras pessoas de outros cursos (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Fabrício participava de um projeto social que tinha muitas práticas artísticas acontecendo ao seu redor e, ao chegar na universidade, o quadro era bem diferente: “no início era estranho você chegar no campus todo vazio e sem instrumento, sem nada que me lembrasse o que eu estava fazendo lá dentro” (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021). Compreendeu que o curso estava se estabelecendo e que isso melhoraria ao passar dos semestres, como de fato aconteceu com a chegada dos instrumentos musicais. Para que os vínculos com música não fossem somente através de instrumentos musicais, o contato com os colegas nos corredores e intervalos de aulas eram importantíssimos, pois estabeleciam relações sobre *onde* estava e *o que* os colegas estavam buscando, também, na graduação.

Ainda sobre as dificuldades do ingresso na graduação, Mateus levantou um ponto que nos chama atenção, de que há um preconceito com participantes de projetos sociais dentro do contexto acadêmico em que viveu:

Isso já ouvi de professor falando, 'ah, você veio de projeto social, então ...', sei lá, tipo meio que menosprezando projetos sociais, e eu acho que não, a gente precisa manter firme e mostrar, tipo, '*sim, eu vim de projeto social, mas eu consegui tá aqui igual a todo mundo*', e que eu acho que isso é uma coisa super importante da gente pensar (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

O que pode ter gerado tal preconceito? Ao refletir sobre as práticas dentro dos projetos sociais, podemos ver que cada projeto se detém àquilo que é proposto. Se um projeto social está voltado a “conscientizar e contribuir para transformar a realidade” (SOUZA, 2014, p. 20), não necessariamente ele deve adotar uma postura de conservatório. Partindo da ideia de que ainda existem provas de aptidão para ingresso em Cursos de Música, quaisquer modalidades que sejam, o preconceito com projetos sociais parece estar enraizado na ideia de que os mesmos não ensinam música, mas servem para “recreação” musical. Compartilho da ideia de Mateus de que devemos, como pessoas que participaram de projetos sociais, mostrar que também temos espaço dentro do ensino superior.

5.3 Bacharelado ou licenciatura?

Uma das perguntas mais frequentes quando pensamos em projetar nossas trajetórias, principalmente quando crianças, é a clássica frase: *o que você quer ser quando crescer?* Durante nosso amadurecimento e desenvolvimento, algumas escolhas podem mudar. Segundo Mateus, suas escolhas, no decorrer da vida, foram se modificando. No entanto, ao começar a tocar dentro do projeto social foi quando tomou sua decisão de que queria estudar Música:

Quando eu era pequeno, eu tinha vários sonhos de fazer faculdades, várias faculdades. Eu queria ser médico, queria fazer cirurgia plástica, queria fazer gastronomia, só que aí, quando eu comecei a tocar, aí eu falei assim, '*meu, é isso que eu quero fazer, assim, na minha vida*' (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Mesmo assim, seu foco ainda mudaria de bacharelado em instrumento musical para uma licenciatura. Fabrício, que ao começar no projeto social se interessou pelo tipo de didática dos professores, fez com que quisesse se tornar professor de música, tendo em mente um exercício que fazia quando aprendia algo novo: “*ah, se eu for ensinar, eu vou ensinar desse modo*”. A escolha pela licenciatura foi “consciente”, segundo ele, pois achava “legal” fazer licenciatura pelas vivências que tinha: “sempre me inspirei bastante mesmo nas pessoas que eu via, nos professores”. Visto que o

entrevistado se visualizava mais “como um professor do que como um músico de Bacharelado, como um músico de performance”. Já com Mateus, observa-se que a escolha pela licenciatura foi mais por curiosidade, disponibilidade e conveniência. Contudo, ao experimentar a área, foi percebendo que também era o que gostaria de seguir estudando.

5.4 Primeiros passos na graduação: do “choro” à “maturidade”

Quando questionados sobre como foi o processo de transição entre o projeto social e a graduação, os entrevistados comentaram como receberam esse “choque”. Mateus viu em uma situação de escolha, pois não queria sair do projeto social que participava, mas também não queria parar a graduação no primeiro semestre. Por fim acabou escolhendo a graduação: “então, eu sempre precisei fazer esse peso né, tipo, ‘preciso deixar vocês, gosto muito de vocês, muito obrigado, mas agora eu preciso seguir o meu caminho também’. Comenta que, no início, passava o dia todo no campus da universidade por conta dos horários das aulas:

Tinha aulas que a gente saía às 18:00, 18:30 e depois, ainda, quando entrei na orquestra da faculdade, tinha dias que eu entrava 8:00 e saía 21:00 da noite. Tipo, é muito corrido e cansativo, principalmente as “janelas” que eu tinha, ou eu reservava a sala pra estudar instrumento ou ia fazer alguma atividade que tinha das aulas. Então, foi um pouco difícil de se adaptar, assim, no primeiro semestre (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Com Fabrício não foi muito diferente. Comentou que teve “que criar uma maturidade” em relação ao que estudar e os componentes curriculares que estava cursando:

[...] eu no projeto, tinha no máximo dois professores ali, que eram responsáveis por ensinar tanto instrumento, quanto teoria, quanto um pouco de história da música e quando eu entrei na universidade eram vários componentes curriculares e conforme foram chegando os professores, no início era só a Adriana¹³ mesmo, mas logo foram chegando os outros professores e dividindo os componentes e aparecendo vários componentes curriculares. Eu tive que encarar que *‘bom, o que tá acontecendo aqui é, cada parte específica do conhecimento tá se aprofundando e eu tenho que dar conta disso tudo simultaneamente’*. Quando era no projeto eu tinha essa possibilidade de focar mais no que eu gostava, na universidade não. Na universidade eu tinha, por mais que *‘bom, eu tenho, estou fazendo aí doze componentes curriculares. Eu gosto mesmo é de quatro ou cinco, os outros eu tenho que dar conta, eu tenho que fazer’* (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

¹³ Aqui o entrevistado referiu-se à primeira professora específica da área musical, Adriana Bozzetto, que também assumiu a coordenação do Curso de Música – Licenciatura por quase cinco anos.

Fabrcio ainda aponta que no projeto social, os contedos que estudava com mais intensidade eram somente aqueles que chamavam sua ateno. J, na graduao, percebeu que os componentes curriculares formavam conexes com a proposta de uma licenciatura, j no podendo aprender somente o que queria:

E eu fui percebendo que durante a graduao, at os componentes que inicialmente eu achava “nossa, isso e necessrio mesmo?”, que as vezes eu questionava algumas coisas, pensava ne, as vezes os que eu menos considerava importantes, so os que depois fazem mais diferena (Fabrcio, entrevistado em 28/10/2022).

Mateus ressalta que em sua turma de graduao, havia outros estudantes que eram egressos de projetos sociais e outros de conservatrios da cidade de So Paulo. Sobretudo, destaca que os modelos adotados pelas universidades ainda tm resqucios do utilizado em conservatrios. Lembra que os cursos de bacharelado ainda compartilham de algumas razes do modelo utilizado no conservatrio:

Porque o pessoal acaba levando a universidade pra um lado mais de conservatrio sabe [...] de no ter esse olhar crtico no sentido de voc ir pesquisar mais a fundo e tal, porque geralmente no conservatrio voc faz o que o seu professor t mandando voc fazer e as vezes voc nem discute o porqu e tal (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

O entrevistado ainda lembra que o curso de msica da UNESP comeou como um conservatrio em outro bairro de So Paulo e depois de crescer, junto com outros cursos de Artes se tornou parte da universidade. Realça que esse sentimento de s tocar sem “pesquisar mais a fundo” pode estar relacionado ao tipo de instrumentos musicais desses cursos de bacharelado.

6 ATUAÇÕES PROFISSIONAIS NA ÁREA DA MÚSICA: dificuldades, desafios e perspectivas

Após o período de formação, um dos caminhos que surgem é o da atuação profissional, seja como professor, *performer* ou outra forma de atuação musical. Fabrício relata que, ao término da graduação, retornou à sua cidade natal e logo conseguiu alguns alunos de violão. Contudo, ainda se sentia inseguro sobre sua prática de ensino e planejamento de aula:

Mas eu fui percebendo que eu precisava me organizar bastante em relação ao que eu estava ensinando. Eu me sentia muito assim, muito fora da prática ainda né. Eu sabia que eu tinha bastante conteúdo a ensinar, bastante material né, que eu podia explorar bastante o que eu tinha aprendido no curso, mas sentia um pouco de falta de 'tá e agora?', sabe? 'Por onde eu começo', tinha essas dúvidas (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Mesmo já atuando como professor de violão, não sentia que aquela prática estava rendendo segurança, pois ainda não era um trabalho formal, como um concurso:

Eu era muito ocupado na graduação, tinha, corria atrás de um monte de coisa, passava o dia ocupado com o curso e de repente me deparei com uma situação que eu tava, de novo, dependente financeiramente dos meus pais né, que eu voltei pra casa deles, eu estava dando os primeiros passos assim e ainda um pouco inseguro né, em relação ao conteúdo que eu estava ensinando. Não ao conteúdo, mas a maneira que eu estava ensinando, sabia que eu precisava criar né, precisava "calejar" na aula de música e tal pra conseguir me aproximar dos alunos. Então, o que eu senti era insegurança mesmo (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Podemos perceber que Fabrício queria uma atuação mais recorrente e com contatos mais regulares com alunos, sobretudo, sua insegurança ainda era um dos fatores que o preocupavam. O entrevistado revelou que o período entre prestar o concurso e ser aprovado durou um ano e que aproveitou esse tempo para se aprimorar no instrumento:

[...] aí eu aproveitei pra estudar mais violão, porque quando eu estava na graduação, tinha tanta coisa que acabava que ficava sempre sentindo que 'nossa, eu tenho que desenvolver, queria passar mais tempo tocando'. Então, por outro lado, aproveitei pra desenvolver o violão, na parte mais técnica né, desenvolver um repertório do violão (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Após ser chamado para atuar numa cidade próxima por ter passado no concurso, Fabrício relata que aquela insegurança sobre um emprego fixo começou a mudar:

[...] tudo começou a ficar mais tranquilo, porque tirou esse peso de *'bom, cursei ensino superior e estou sendo sustentado pelos meus pais'*, aí bom, já não estava mais né, já tinha conseguido um emprego fixo e isso me tranquilizou bastante e me deu segurança até na parte profissional, por conta de estar ali com um público pra eu trabalhar. Eu sabia que *'bom, toda semana essas crianças vão tá aqui fazendo aula e eu preciso desenvolver um plano de ensino pro próximo ano todo, eu tenho que ter um projeto aqui, tem que ter...'*. E isso acabou me dando segurança nessa parte profissional porque eu pude ter a liberdade de prolongar no tempo, de fazer planejamentos pra dois, três meses, até o final do ano. Então, eu pretendo tá fazendo com esses alunos conforme o que eu planejava, começava a dar certo, eu pensava, *'bom, aí ó, tá funcionando, tô trabalhando, os alunos estão seguindo, o plano de aula que eu fiz tá funcionando, assim, tá atingindo os objetivos'* então, eu fui construindo mais segurança (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Ele afirma que, mesmo após ter passado no concurso, encontrou algumas dificuldades para iniciar seu trabalho com as crianças, pois alegaram que ele “não estava preparado para dar aula nos instrumentos que eles tinham disponíveis, ainda que nem colocaram isso no edital”. O entrevistado afirma que tinha “essa ideia clara na mente”, de que o concurso era “o caminho mais seguro”. No entanto, mesmo nesse caminho seguro encontrou dificuldades.

Fabrício explana que após o início de sua atuação no concurso prestado, boa parte da insegurança profissional e as pressões financeiras começaram a se dissipar. Aponta que consegue ver seu desenvolvimento a partir do trabalho com as crianças, pois acompanham algumas desde o início de sua atuação. Nesse sentido de perder a insegurança sobre um trabalho fixo e sair da dependência dos pais, o entrevistado ressalta que pôde dar início a outros projetos:

aí pude dar seguimento, recriar os grupos que eu participava aqui, me aproximei novamente desse, o cara com quem eu tenho um duo de violão e violino, é o meu amigo que fazia aula no projeto social né, que me chamou pra fazer aula. Então, tá estudando em São Paulo, mas ele vem pra cá com frequência e aí a, nesse período, a gente reativou o nosso duo. Com o passar do tempo eu refiz o grupo de choro e foi construindo toda uma solidez novamente não é, aqui. Mas eu acho que o principal, o mais importante, foi eu ter saído com esse objetivo claro, de que *'bom, eu fiz Licenciatura em Música, o que eu quero agora é começar a dar aula'* (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Mateus expôs que gosta de atuar como *performer*, mas como as orquestras que pagam mais do que um salário mínimo são muito concorridas e difíceis de entrar, ainda não é o que está procurando. Relata que sua atuação como professor de música começou durante o período em que estava na graduação dando aulas de violino, piano, musicalização infantil, teoria e aulas de canto. Durante a finalização da graduação, atuava como auxiliar de Música no colégio Osvald de Andrade¹⁴ em São Paulo para a conclusão do estágio obrigatório do curso, porém a vaga não existe mais e se viu perdido no mercado de trabalho e, até, cogitou trocar de área iniciando uma nova graduação:

eu fiquei atordoado tipo, '*meu Deus do céu, o que que eu vou fazer agora?*', eu pensei várias vezes em fazer outra faculdade, eu queria fazer, também, design e foi o que eu pensei pra seguir em outra área, mas que eu vi que tipo, não, acho que tipo, não rola eu ir pra outra área, porque eu já tô muito enfiado na música e vai ser muito difícil de me tirar (Mateus, entrevistado em 05/01/2022).

Após o término da graduação e o choque de ter saído do estágio, o entrevistado continuou a busca pela inserção no mercado de trabalho e conseguiu duas entrevistas de emprego: “agora eu passei em duas entrevistas que eu fiz, então eu vou continuar trabalhando na educação musical na escola que é uma coisa que eu tô curtindo bastante” (Mateus, entrevistado em 05/01/2022). Além de dar aulas nas escolas, Mateus sente um dever de retribuir o que recebeu no projeto social e quando questionado sobre querer atuar em um projeto social afirma que tem “essa vontade de retribuir, assim, tudo o que eu recebi” e principalmente se for no mesmo projeto em que participou.

Fabrizio revela que já atua em um projeto social, que iniciou assim que tomou posse do concurso citado anteriormente. Segundo ele, o projeto social se destina ao público com mais de seis anos de idade até idosos, tendo um público alvo abrangente. Fabrizio afirma que tem turmas de alunos idosos, adultos, mas que boa parte dos participantes são “jovens e crianças que estudam ali na rede municipal de ensino de Dom Viçoso”. Segundo o entrevistado, o projeto está proporcionando a ele uma grande quantidade de experiência profissional por trabalhar com um público alvo

¹⁴ Para mais informações: <https://www.colegiooswald.com.br>

abrangente. Ainda, revelou que desde sua graduação na universidade tinha interesse em atuar em projetos sociais, mesmo com as vivências escolares nos estágios:

Quando eu me formei na UNIPAMPA eu tinha, assim, como objetivo, trabalhar em projeto mesmo. Eu tive experiência nos estágios não é, na escola, eu dei aula pros níveis de ensino, mas o que sempre me atraiu mais foi essa possibilidade de dar aula particular, da aula em grupos menores de alunos. Eu dou aula, no projeto, pra turma de três, quatro alunos no máximo, o ideal são duplas também. E sempre tive interesse em trabalhar desse modo, dando aulas de instrumento, formando grupos de ensaio, formando grupos pra apresentação e é onde eu mais atuo no momento que é nesse projeto, *Projeto Música* da prefeitura municipal de Dom Viçoso (Fabrício, entrevistado em 28/10/2021).

Em relação a projetos futuros, Mateus realça que agora que terminou a graduação em Música, quer focar em se aprimorar no instrumento e tentar “uma prova fora”, mas a curto prazo pensa em fazer alguma pedagogia porque está na “pira da educação”. Ao explicar que está gostando muito de sua atuação no projeto social, Fabrício planeja “aprimorar os grupos” de alunos que têm. Ressalta que a pandemia criou impasses, mas que quer consolidar grupos musicais no projeto social. Segundo o entrevistado, quer ter um “grupo de orquestra de violões do Projeto Música de Dom Viçoso”, grupo esse com intuito de ser uma “vitrine” pro trabalho. Ele considera esse grupo que formará como “um lugar onde os alunos conseguem mostrar o que estão aprendendo, né, de ganhar esse reconhecimento”. Ainda sobre as aulas particulares que desenvolve em sua casa, Fabrício almeja ampliar, almeja “melhorar esse espaço e melhorar na qualidade e quantidade de alunos”. Destaca que em sua carga horária de alunos e projeto social consegue acomodar mais algumas aulas particulares. Além das práticas que já desenvolve, o entrevistado não quer parar após a graduação. Fabrício afirma que é “bem pé no chão”, mas que tem intenções de fazer uma pós-graduação ou um mestrado, mesmo à distância ou em alguma cidade próxima de onde mora. Fabrício finalizou reiterando que, conforme foi assumindo mais responsabilidades, mais foi “percebendo que, realmente, essa escolha de ter me tornado professor, de me estabelecer como professor de música, de levar a sério o meu trabalho, que foi se tornando cada vez mais necessário”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como ponto de reflexão o objetivo deste estudo, que se voltou a conhecer e compreender motivações e perspectivas de estudantes egressos de projetos sociais que cursaram uma graduação em Música, compreendo que esses espaços de socialização que oportunizam o aprendizado musical, são impactantes na escolha de caminhos e diretrizes de seus participantes, mesmo que essas escolhas não sejam na área da Música. Uma vez participante de um projeto social, esse indivíduo carregará consigo marcas dessa socialização e desse aprendizado.

Pelo que podemos analisar através das entrevistas, a vontade de aprender um instrumento é precedente à ideia de querer uma graduação em Música. Contudo, ao terem contato com um ambiente que propicia interações entre os participantes e desenvolvimento em seu instrumento musical de interesse, esses indivíduos começam a projetar o futuro baseado nas experiências apreendidas e vividas dentro do projeto social.

Outra questão que podemos observar é que o contato com música e, mais especificamente, com os instrumentos musicais prévio ao ingresso nos projetos sociais se tornaram fatores determinantes para a sequência de estudos dos entrevistados. Não podemos afirmar com certeza que uma criança, ao ter contato com um instrumento em casa, ou em outros contextos, vá no futuro estudar música ou necessariamente aquele instrumento em questão. Contudo, esse contato prévio pode gerar uma curiosidade e, se alinhada com um suporte familiar ou um projeto social que atenda às necessidades desse indivíduo, pode-se desenvolver uma prática significativa. Podemos ver essa sequência de ações a partir da fala de Fabrício quando afirma que optou “por violão por essa, já proximidade, de ter um violão em casa”.

Este trabalho colaborou para compreender que as motivações que jovens egressos de projetos sociais dispõem para optarem por uma graduação em Música são diversas, seja elas por comodidade, não ter passado em outro Curso de interesse, conveniência, curiosidade ou até mesmo uma escolha consciente sobre o que quer estudar na graduação. Além disso, também podemos levantar questões sobre o apoio e aprovação familiar para essa graduação em Música ainda muito

estigmatizada por “não dar dinheiro” ou que “não é uma profissão”. Observa-se que ainda há um preconceito sobre o se tornar profissional em Música e principalmente trabalhar como profissional de Música. Como Fabrício exemplificou, durante a sua participação no projeto social conviveu com pessoas que queriam continuar estudando música, mas que de certo modo foram “podadas” pela família.

Em relação à formação musical no âmbito superior, este trabalho contribuiu para a compreensão de algumas perspectivas e objetivos que os ingressantes dos Cursos superiores possuem. Acima de tudo, podemos levantar um “medo” ou “receio” ainda existente sobre as provas de aptidão e certo menosprezo por estudantes oriundos de projetos sociais. Cada aluno ingressa com objetivos distintos na graduação, alguns já entram sabendo um pouco sobre o que será tratado, quais assuntos serão abordados, mas nem todos ingressam com a mesma perspectiva sobre o que será a graduação.

Hoje, como egresso de projeto social e finalizando minha graduação em Música – Licenciatura, acredito que estar atuando como educador musical em um novo projeto social contribua para pensar um ensino de música mais atento às pessoas e aos contextos em que estão inseridas. Não um ensino que seja inflexível e incapaz de atentar ao que os estudantes estão buscando, mas, sim, um ensino capaz de atender e compreender as perspectivas e motivações que regem sonhos e objetivos de crianças e jovens através da música. Ao me ver atuando na sala de aula com mais de trinta alunos, por mais que ainda me venham as incertezas e inseguranças de estar iniciando essa etapa do *atuar após a graduação*, consigo potencializar uma educação musical preocupada e planejada para atender as mais diversas dificuldades e desafios de cada turma, uma educação musical voltada a ser significativa e marcante na vida de cada um/a dos/das estudantes.

Considero que ainda há muito o que se pesquisar sobre projetos sociais e as questões que motivam e impulsionam pessoas a seguirem o caminho acadêmico em uma formação musical no âmbito do ensino superior. Este tema ainda se abre para outros diálogos sobre contribuições de projetos sociais para a formação musical, para espaços onde a música é o ponto de conexão entre os participantes. Além disso, para onde vão essas pessoas que são egressas de projetos musicais e da formação em instituições de ensino superior ou, ainda, que educação musical estamos

propondo nos projetos sociais. Acima de tudo, afloram temas que se relacionam à prática musical como uma possibilidade de profissionalização.

Ao final, espero que este trabalho sirva como inspiração para o surgimento de outros estudos que se proponham a questionar as marcas deixadas e a responsabilidade de projetos sociais para seus participantes, tanto abrindo espaços para continuidade dos estudos e oportunidades de profissionalização, quanto propondo novos horizontes e perspectivas de futuro.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Lucielle Farias. **“Tem gente ali que estuda música para a vida!”**: um estudo de caso sobre jovens que musicam no projeto social orquestra jovem de Uberlândia. 2011. 269 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.
- BECKER, Howard Saul. **Métodos de Pesquisa em Ciência Social**. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- BOZZETTO, Adriana. **Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra**. 2012. 295 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- BRASIL, Anderson Fabricio Andrade. **BERIMBAU SIM, BERIMBAU NÃO**: um estudo sobre a profissionalização em música a partir da orquestra de berimbaus afinados Dainho Xaquere - OBADX. Tese (Doutorado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. Cortez, 2018.
- FREITAS, Maria de Fatima Quintal de; WEILAND, Renate Lizana. Música e projetos sociais e comunitários: o que as publicações da ABEM têm revelado? In: SOUZA, J. (Org.). et al. **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 63-93.
- GIL, Antonio Carlos. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- KLEBER, Magali. Projetos sociais e educação musical. In: SOUZA, J. (Org.). **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009, p. 213-235.
- KLEBER, Magali. Música e projetos sociais. In: SOUZA, J. (Org.). et al. **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 27-49.
- LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, p. 37-47, 2015.
- MACIEL, Edineiram Marinho. A música como fator de integração social no sertão da Bahia. In: SOUZA, J. (Org.) et al. **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 95-107.
- MATEIRO, Teresa. Do tocar ao ensinar: o caminho da escolha. **Opus**, v. 13, n. 2, p. 175-196, 2007.
- NASCIMENTO, Antônio Dias. Projetos sociais e educação. In: SOUZA, J. (Org.). et al. **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 51-62.

NUNES, Pamela Lopes; WEICHSELBAUM, Anete Susana. Contribuições do ensino da música em projetos sociais: depoimentos de egressos. In: **XVII ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM**, 2016.

SANTANA, Elizane Priscila Silva. **Cidadania e projetos sócio-orquestrais**: um estudo a partir das perspectivas dos egressos do Prima. 2019. 171 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SANTOS, Carla Pereira. **Educação musical nos contextos não-formais**: um enfoque acerca dos projetos sociais e sua interação na sociedade. XVII Congresso da Anppon, 27 a 31 agosto 2007. São Paulo: UNESP, 2007. *Anais...* São Paulo, 2007, p. 1-6.

SOUZA, Fabrício Vieira. **A música no contexto de um projeto social na cidade de Bagé, RS**: um estudo no projeto Rodarte. Orientador: Adriana Bozzetto. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Curso de Licenciatura em Música, Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2015.

SOUZA, Jusamara. Música em projetos sociais: a perspectiva da sociologia da educação musical. In: SOUZA, J. (Org.) et al. **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p.11-26.

TRAVASSOS, Elizabeth. Redesenhando as fronteiras do gosto: estudantes de música e diversidade musical. **Horizontes antropológicos**, v. 5, n. 11, p. 119-144, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Projeto Pedagógico do Curso de Música – Licenciatura**. Bagé, 2016.

APÊNDICE 1**TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DA ENTREVISTA**

(Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998)

Pelo presente instrumento, eu, _____,
portador do CPF nº _____, RG nº
_____ e e-mail _____, autorizo,
sem limitação de tempo ou números de exibições, a utilização de minha entrevista
gravada e transcrita, realizada em _____, da qual participei
como colaborador no Trabalho de Conclusão de Curso realizado pelo discente
Thiago Alcantara Ballestero de Paiva, orientado pela professora Adriana Bozzetto,
no Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa.

Local/data ____ de _____ de _____.

Assinatura:

APÊNDICE 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome do entrevistado:

Titulação acadêmica:

Data de realização da entrevista:

Local de realização da entrevista:

Tempo de duração:

Páginas transcritas:

I. CONTEXTUALIZANDO OS ENTREVISTADOS

1. Primeiramente gostaria de agradecer a disponibilidade e por aceitar o convite da entrevista para compartilhar um pouco das suas experiências, motivações e perspectivas pelo ensino superior de música. nesse sentido, poderias falar inicialmente sobre como foi sua formação musical?
2. E sobre o projeto social em que você participou? Quanto tempo participou do projeto? Como foi a escolha do seu instrumento musical?
3. Sabendo que há possibilidade de aprender instrumentos musicais em outros espaços como escolas de música, conservatórios, aulas particulares, por que você procurou um projeto social?

II. DE UM PROJETO SOCIAL PARA A ESCOLHA DA GRADUAÇÃO EM MÚSICA

4. O momento da escolha da profissão e da graduação é uma das decisões mais importantes que tomamos na vida. O que levou você a escolher por uma graduação em Música?
5. O projeto social do qual você participou teve impacto em sua escolha?
6. Ao escolher o curso de Graduação, que foi licenciatura em Música, você ingressou no curso escolhido ou tinha outro em mente? Quais foram as suas motivações?
7. Quais ideias e/ou perspectivas você tinha em relação ao curso superior de música que realizou?

III. PERSPECTIVAS E OBJETIVOS COM O ENSINO SUPERIOR

8. Partindo das aprendizagens e vivências do projeto social em que participou, como foi a transição para a graduação?

9. Quando você se formou na universidade, como foi o processo de atuação profissional no campo da música? O que poderias falar sobre dificuldades, desafios e/ou perspectivas de atuação profissional?
10. Em sua opinião, para que os projetos sociais preparam? Quais seriam suas perspectivas de como eles poderiam ser?
11. Partindo do pressuposto de que projetos sociais em música configuram-se em espaços de socialização na vida de muitas crianças e jovens, o que você levou para a vida daquilo que aprendeu ou desenvolveu no projeto social?
12. E hoje, quais são suas atuações profissionais em música? Você atua em algum projeto social?
13. Por fim, deixo aberto para que possas trazer algumas outras ideias que querias sobre esse tema e, se possível, falar um pouco de seus projetos futuros.

APÊNDICE 3

Tabela entrevista com Fabrício (exemplo):

FABRÍCIO					
VIDA	ESCOLHA DA GRADUAÇÃO	PERSPECTIVAS PARA GRADUAÇÃO	PÓS GRADUAÇÃO	PENSAMENTOS SOBRE PROJETOS SOCIAIS	DO PROJETO PRA VIDA
"E a gente, com o passar do tempo, foi percebendo que a música não era só um passatempo para mim Fabrício, 2021	Mas nem foi por esse caminho, eu achei legal fazer Licenciatura por conta da vivência que eu tinha né, e eu sempre me inspirei bastante mesmo nas pessoas que eu via, nos professores.	- eu achava que o curso de música era difícil, que eu teria que fazer uma prova prática, uma prova teórica, que eu teria a maior dificuldade de entrar numa universidade	Eu me sentia muito assim, muito fora da prática ainda né	- um projeto social ele deve ser capaz de se moldar de acordo com a necessidade do lugar em que ele se estabelece né.	- a questão profissional, de levar não só a música, mas as artes a sério né, de perceber essa área de atuação, mas eu acho que num sentido pessoal de convívio, essa coisa do coletivo, da parceria, da amizade
E isso daí, acho, que contribuiu bastante com minha formação e com minha decisão de seguir profissionalmente nesse caminho, porque eu visualizei uma possibilidade além de só chegar no projeto e passar o tempo né.	Desde que eu comecei a me aproximar da música eu já visualizava bastante essa possibilidade de ensinar música também, sempre achei interessante. Então, a escolha foi pela Licenciatura mesmo, assim, foi consciente	Então, eu tinha uma impressão de que eu ia chegar na universidade e ia ser difícil, que eu ia passar vergonha, que eu não ia conseguir fazer as coisas, que se tivesse prova prática eu não ia passar e teria que voltar, tinha um pouco esse receio	Eu sabia que eu tinha bastante conteúdo a ensinar, bastante material né, que eu podia explorar bastante o que eu tinha aprendendo no curso, mas sentia um pouco de falta de "tá e agora?", sabe? "Por onde eu começo", tinha essas dúvidas	- O que eu considero assim, como importante para um projeto social é ter a capacidade de perceber o que quem tá participando precisa.	Então, toda essa prática assim, coletiva, as relações pessoais construídas
eu considero que assim, o, realmente o projeto foi determinante, foi muito importante na escolha da minha profissão		"E quando eu entrei na universidade, eu percebi que não, eu estava muito bem preparado até na medida do possível e que aquilo que eu estudava no projeto, que eu via como "nossa, isso é difícil, caramba" era o que estava começando a ser introduzido ali, que eu tinha até no início, nos componentes de teoria, do começo pra mim era muito básico. Então eu fiquei com uma impressão assim, "nossa, eu tava com um medo bizarro" assim, com uma expectativa muito além do que eu escotei.	Quando eu tava no curso eu me organizei bastante em relação aos documentos do curso, eu tenho uma pasta no Dropbox que tem todas os componentes curriculares que eu fiz no curso e fui salvando os arquivos né e bem organizado	Eu acho que o principal pro projeto social assim né, é a capacidade de compreender o ambiente. Não adianta nada chegar numa comunidade que vive de determinado modo e tentar colocar de modo autoritário. "Bom, aqui a gente só vai ensinar esse tipo de conteúdo", esse tipo de coisa, então, acho que o principal do projeto social é conseguir ter uma clareza nos objetivos né. "Bom, nossos objetivos são esses", e os objetivos também precisam ser construídos de acordo com as necessidades da comunidade na qual ele tá inserido.	Então, o principal que eu trago de lá é essa questão da amizade, a questão de valorizar também o ensino né, de valorizar essa experiência de como pode ser relevante um convívio em determinado ponto da vida né, de como que uma semente que você coloca num lugar, em determinado tempo pode gerar frutos legais né.
		Então, o que eu vi no projeto tinha me preparado bastante, mas eu tinha ficado achando que era um "bicho de sete cabeças" a licenciatura.	Isso me deu uma segurança depois também, porque eu podia recorrer né, lembrava "bom, quero ensinar, quero fazer uma aula que, com tal metodologia", vou procurar lá na pasta de tal componente curricular que tem alguma coisa. Isso me ajudou bastante com o passar do tempo, eu uso até hoje.	- Mas ele também precisa ter capacidade de se moldar e de construir formas de atuar que consigam de fato se relacionar com o que as pessoas estão vivendo	

APÊNDICE 4

Tabela entrevista com Mateus (exemplo):

MATEUS				
FAMÍLIA	FORMAÇÃO E REDES DE CONTATO	PROJETO SOCIAL	ESCOLHA DA GRADUAÇÃO	PERSPECTIVAS DA GRADUAÇÃO
Meus irmãos todos tocam assim, eles não seguem carreira de música, só meu irmão mais novo agora, que está seguindo esse caminho. Mas eu sempre tive a música no meu dia a dia né, então, foi uma coisa pra mim, natural assim. Quando eu comecei a tocar eu falei "é isso que eu preciso fazer", que é massa assim, que até hoje eu penso nisso.	Eu comecei a fazer aula de teoria na igreja, que meus pais iam na igreja e eu comecei a fazer aula de teoria e fiz por bastante tempo assim	cheguei lá pra me inscrever e tal e tinha um teste pra poder fazer. Eu acho que pode ter sido o mesmo teste que você fez, mas era um teste meio que pra saber o que você já, é, tinha de musicalidade, o que que você conhecia	Quando eu era pequeno, eu tinha vários sonhos de fazer faculdades, várias faculdades.	como meus irmãos fizeram faculdade também, eu tinha mais ou menos uma ideia do que que era mais essa coisa acadêmica né. Então, acabou que eu sempre gostei dessa parte acadêmica e tal.
Eu tenho um irmão mais velho que ele, ele tocava piano e que ele queria fazer faculdade de música. Enfim, quando ele começou na faculdade e os meus pais não aceitaram e enfim, ele mudou de curso, porque ele precisava fazer alguma coisa que "desse dinheiro".	Eu sempre via a orquestra da igreja tocando e eu queria tocar violino. E nunca chegava na hora da prática nas aulas de música	Aí, depois de um tempo, saiu a lista né, das pessoas que passaram, eles chamaram. E, eu acho, passaram quarenta pessoas, e era, a gente aprendia já com o formato de orquestra, então já com os violinos, violas, violoncelos e contrabaixo. E como eu tinha falado anteriormente que eu era apaixonado por violino, eu fui direto pro violino, pegar meu violino pra já sentar ali no meu lugar, porque o violino era o mais concorrido de todos né.	só que aí, quando eu comecei a tocar aí eu falei assim, "meu, é isso que eu quero fazer, assim, na minha vida", lá no Pão de Açúcar.	eu não queria sair do projeto, que eu gostava muito. E, também, óbvio que eu não ia largar a faculdade assim no primeiro semestre né.
quando chegou a minha vez de querer fazer música, eles sempre me apoiavam e tal pra fazer o curso e aí quando eu falei que iria fazer faculdade, aí, já começou de novo isso, "mas não, você precisa fazer uma faculdade que dá dinheiro, não sei o quê". E eu não tinha muito o apoio nesse sentido assim de "não, vai lá, faz a faculdade e tal. A gente te apoia não sei o quê". E tanto que, os cursos que eu fiz assim de música, eu que ia correndo atrás e tal. As vezes eu fazia sem falar pra eles e quando dava certo falava "aí, pessoal tô aqui fazendo tal coisa". E quando eu falei que eu ia fazer a faculdade de música, também, eles tiveram um pouco de receio e, enfim, tiveram que aceitar porque já terminei também	eu conheci uma amiga minha, a Érica. E ela tava fazendo o curso de violino lá no Instituto Grupo Pão de Açúcar e ela me contou do projeto e tal, e eu achei muito foda assim, e eu falei "ah, então, vou tentar também né".	como eu descobri que tinha esse projeto, que era gratuito, que ensinava violino e você tinha possibilidade de viajar e tal, aí falei "é nesse que eu vou". E aí, foi mais por isso, assim. E aí eu fiz, são dois anos de curso, que eu fiquei nas aulas desse projeto e mais quatro anos na orquestra	. Então eu achei o curso da FMU de licenciatura em música. Eu falei, "eu vou fazer, pra ver como é que é.	gratuito, que ensinava violino e você tinha possibilidade de viajar e tal, aí falei "é nesse que eu vou". E aí, foi mais por isso, assim. E aí eu fiz, são dois anos de curso, que eu fiquei nas aulas desse projeto e mais quatro anos na orquestra